

A originalidade de Wittgenstein e sua complexa inserção no contexto de pensamento de uma época

As formulações teóricas de Wittgenstein, na segunda fase da sua filosofia, bem como as de Bakhtin, encontram-se profundamente ligadas às práticas humanas de enunciação e ação na vida, e mostram, em suas singularidades, a complexidade do pensamento subjetivo reflexivo e seu processo de formação. Neste primeiro capítulo, procurarei mostrar que a originalidade de Wittgenstein expressa uma experiência intelectual e pessoal que entrou num diálogo profundo com as questões específicas de um determinado contexto histórico.

Wittgenstein e seu mundo

A Viena de Wittgenstein de A. Janik e S. Toulmin (1972) propõe que se entenda a originalidade do pensamento de Wittgenstein, compreendendo seu processo de formação no contexto cultural, fervilhante de idéias, da Viena do fim do século XIX. Para eles, isso explicaria algumas das coisas mais notáveis sobre o homem Ludwig Wittgenstein e sua primeira obra, bem como sobre o modernismo vienense, que tinha como pano de fundo o declínio e queda do Império Habsburgo. Em seus estudos, os autores consideram que os vínculos entre Wittgenstein e a cultura vienense de seu tempo, de expressão alemã, foram negligenciados em associações posteriores com os filósofos de língua inglesa. Assim, para eles, quando é o caso de se interessar, apenas, pelas origens históricas dos *métodos lógicos*, não se poderia questionar a importância de Frege e Russell para o desenvolvimento das idéias de Wittgenstein em relação aos problemas da lógica formal e epistemologia. De outro modo, quando o interesse se volta para as suas *idéias filosóficas*, estas precisam ser entendidas como participantes de um contexto complexo, qual seja, o das preocupações políticas, sociais, culturais e filosóficas da Áustria na transição do século XIX para o XX. Assim é, que para os autores, ao entrar em contato com Frege e Russell, Wittgenstein já tinha um conjunto consistente de questões filosóficas e, para resolvê-las, contava com os

métodos lógicos que vinham sendo trabalhados por Russell e Frege. Suas questões filosóficas, porém, se formaram no decorrer de sua criação e educação vienense. Em sua argumentação, A. Janik e S. Toulmin afirmam que o entendimento de revolucionário em relação ao pensamento de Wittgenstein é fruto de sua contraposição ao pano de fundo da filosofia de expressão inglesa. Porém, quando o relacionamos aos problemas sociais e políticos, às características culturais da Viena de sua infância, o que se percebe é um pensamento afinado com a complexidade das inúmeras questões que tinham lugar naquele contexto específico. Os autores chamam atenção para o fato de que a vida cultural de Viena, no final do período dos Habsburgos, desconhecia a especialização intelectual e artística e esta só se firmaria nos cinquenta anos seguintes. A própria concepção da filosofia como disciplina acadêmica e profissionalizada era estranha para a Áustria antes de 1914. Assim, na Viena de Wittgenstein, todos os que participavam do mundo educado discutiam filosofia e estas reflexões estavam relacionadas a interesses variados ligados às artes, à ciência, às leis ou à política. Nesse sentido, pode-se dizer que um conjunto de questões filosóficas formava um quadro de referência que pertencia de modo amplo a músicos, escritores, juristas e pensadores de vários tipos, tanto quanto a filósofos acadêmicos.²⁵

Para os autores, a proposta de investigar a cena cultural vienense pode contribuir para a resolução do paradoxo central do *Tractatus*, ou seja, pode promover a reconciliação entre o Wittgenstein “ético” com o Wittgenstein “lógico” e desfazer a separação que o saber acadêmico provocou na leitura que foi feita em relação ao homem e sua obra. Eles alertam, assim, para o fato de que a investigação não deve se desviar do quadro mais amplo de referência das idéias científicas, artísticas e filosóficas, das atitudes éticas e sociais, das aspirações pessoais e coletivas, ao observarmos suas expressões na arquitetura, no jornalismo, na jurisprudência, na filosofia e poesia, na música, no teatro e na escultura.

A. Janik e S. Toulmin ressaltam que Wittgenstein, ao ser apresentado por meio de Russell a um grupo de filósofos acadêmicos de língua inglesa, foi

²⁵Para A. Janik e S. Toulmin (1972), o *Tractatus* foi uma obra a partir da qual se desenvolveu a nova filosofia “profissionalizada”. Depois de 1920, portanto, houve a tentativa de se cortar as ligações entre as questões “técnicas” da filosofia e sua mais ampla matriz cultural, situando essas análises teóricas numa base independente, o mais livre possível de compromissos extrínsecos a ela, como costumam ser pensados, por exemplo, os problemas da matemática pura.

considerado desde o início um “gênio”. Porém, esse encontro gerou o infortúnio de imprimir uma orientação às idéias de Wittgenstein que responderam muito mais às preocupações desses filósofos do que às do próprio autor. Assim, Wittgenstein foi acolhido por seus colegas como alguém que estava dando uma contribuição singular para o desenvolvimento da filosofia inglesa e isso os tornava propensos a relevar o que consideravam como extravagância e idiosincrasia pessoais. Na concepção dos autores, Wittgenstein era, de fato, uma figura curiosa, excêntrica, que se irritava com facilidade e tinha hábitos de se vestir e opinar socialmente diferentes dos ingleses. Sua austeridade e intensidade moral também eram reconhecidas, apesar de causarem estranheza naquele contexto. Porém, segundo eles, os ingleses atenuaram bastante o impacto de sua personalidade e paixão moral, ao rotularem Wittgenstein como um estrangeiro de costumes pessoais extravagantes, dotado de um talento especial e extraordinário para o trabalho com a filosofia²⁶.

Para A. Janik e S. Toulmin, o *Tractatus* é um livro fundamental para que se entenda o contexto no qual ele foi elaborado e, sendo assim, ao mesmo tempo em que nele se mostram as concepções de Wittgenstein relativas à linguagem, é possível que se veja, também, as características daquele meio a partir do qual uma elevada parcela da arte e do pensamento de meados do século XX se expressou. A investigação dos autores procura mostrar que a idéia de considerar a linguagem, os simbolismos e os veículos de expressão, de todo tipo, como algo que funciona como *representações* ou *imagens* tinha se tornado comum na discussão em todos

²⁶O próprio Toulmin, ao relembrar o tempo em que foi aluno de Wittgenstein no período de janeiro de 1946 a junho de 1947, comenta que a atenção de seus alunos se concentrou nas propostas apresentadas pelo lógico formal e o filósofo da linguagem. Sob esse prisma, suas idéias e métodos de investigação eram percebidos pelos que o ouviam como, totalmente, originais e pessoais e suas aulas eram tidas como extraordinárias e sem paralelo. No entanto, as idéias preconcebidas de sua audiência, e as preocupações com os próprios problemas filosóficos, impediam, quase totalmente, a compreensão de pontos essenciais do que dizia Wittgenstein. Toulmin, ao fazer uma espécie de revisão, percebe que, naquele tempo, Wittgenstein era visto como um homem dividido, como um filósofo de fala inglesa que possuía um talento técnico extremamente original. Ao lado disso, pessoalmente, manifestava a adesão a um extremo individualismo e igualitarismo moral. Segundo o autor, melhor teria sido se o tivessem visto como um gênio integral e verdadeiramente vienense, que experimentou seus talentos e personalidade na filosofia, ao lado de outras coisas, e que, simplesmente, vivia e trabalhava na Inglaterra. Desse modo, segundo Toulmin, o abismo intelectual que existia entre os alunos e Wittgenstein, era devido não ao uso de métodos e reflexões filosóficas próprias, mas, sim, era a expressão de um choque cultural. Este se daria entre um pensador vienense, que se formou pessoal e intelectualmente nesse ambiente no período que antecedeu a 1914, em que a crítica da linguagem era tida como necessária e a lógica e a ética eram vistas como essencialmente ligadas, e uma audiência de alunos que tinha suas idéias formadas no mundo técnico profissional da filosofia inglesa.

os campos da cena cultural vienense por volta de 1910. A originalidade de Wittgenstein não consistiu em iniciar esse debate e, sim, em reunir os elementos em sua obra e produzir uma análise singular ao oferecer, segundo ele próprio, uma solução definitiva para as questões envolvidas. Também em relação ao *Tractatus*, os autores consideram que sua compreensão exige a abordagem de duas noções contrastantes, contidas no livro, e propõem que estas sejam designadas como as interpretações “ética” e “lógica”. Para eles, as duas encontram apoio consistente no próprio livro, porém, nenhuma delas pode pretender apresentar a explicação completa para o seu entendimento. Contudo, no próprio livro *A Viena de Wittgenstein* (1972), os autores se vêm privilegiando uma delas, ao afirmarem que, para se compreender o *Tractatus* de acordo com as próprias intenções de Wittgenstein, deve-se aceitar a primazia da interpretação ética²⁷. Segundo eles, a visão exclusiva do *Tractatus* como um marco na história da lógica filosófica faz com que uma parte significativa do livro permaneça um mistério.

Depois da maior parte estar dedicada à lógica, esta outra parte diz respeito, praticamente, às últimas páginas em que Wittgenstein faz afirmações definitivas sobre o “sentido do mundo”. Para os autores, estas reflexões vinculadas à ética, ao valor e aos “problemas da vida” não devem ser minimizadas em sua importância, nem serem encaradas como meros artifícios de efeito, pois quando se “transporta” a obra de Cambridge para a Áustria, descobre-se que o *Tractatus* é usualmente entendido como um tratado ético. Para a família de Wittgenstein, bem como aos olhos de seus amigos, ele foi mais do que meramente um livro sobre ética: era uma *façanha* ética, que *mostrava* a natureza da ética. Alguns dos amigos que mais participaram da intimidade de Wittgenstein insistem em afirmar que quando o seu interesse e preocupação se manifestava em relação a alguma coisa, estes eram sempre do ponto de vista ético²⁸.

Janik e S. Toulmin comentam, em *A Viena de Wittgenstein*, que muito poucos escritores ofereceram contribuições para que se pudesse conhecer o

²⁷Este é, também, o ponto de vista de James Edwards (1982), como veremos mais adiante.

²⁸A. Janik e S. Toulmin se referem a Paul Engelmann, com quem Wittgenstein discutiu o *Tractatus* mais do que com qualquer outra pessoa e para quem o ponto principal do livro era profundamente ético. Segundo eles, em *Letters from Ludwig Wittgenstein, with a memoir, Engelmann* (1967) oferece a importante sugestão de que se considere o *Tractatus* como fruto de um meio cultural específico. Este meio é identificado por ele como a Viena, na qual cresceu Wittgenstein até a maturidade. Para os autores, infelizmente, o próprio Engelmann oferece muita pouca informação sobre a Viena do fim do século XIX.

contexto histórico em que o pensamento de Wittgenstein se formou e esta se torna a proposta do livro deles. Ao assumirem este ponto de vista, nos fazem pensar que a filosofia, como uma criação humana, não surge do acaso e, sim, responde a uma necessidade que temos de aprofundar e ir além das nossas experiências imediatas dentro de circunstâncias concretas e particulares ao longo da história.

Algumas considerações sobre o meio cultural que provocou a “réplica” de Wittgenstein

Na passagem do século XIX para o XX, a Áustria viveu grandes mudanças sociais e políticas. O Império Austro-Húngaro, de importância mundial reconhecida, dono de um grande território e uma extensa história de estabilidade constitucional, durante os seus últimos 25 ou 30 anos, ao viver o seu declínio, foi palco de uma transformação que “atingiu profundamente a vida e as experiências de seus cidadãos, moldando e condicionando as preocupações centrais e comuns de artistas e escritores em todas as áreas do pensamento e da cultura, ainda as mais abstratas²⁹” (A. Janik e S. Toulmin, 1972, p.2) Neste cenário, a mesma Viena, que era conhecida como a Cidade dos Sonhos, possuía uma outra face, não menos real e bem mais sombria, que dizia respeito a muitos aspectos de sua vida. Nas últimas décadas da monarquia, ela era uma cidade muito castigada por problemas que estavam ligados a uma rápida transformação econômica e conflitos entre minorias raciais³⁰. Segundo os autores, aquela potência, ao funcionar orientada por uma estrutura constitucional há muito estabelecida e, portanto, ultrapassada, não conseguia, em pontos fundamentais, adaptar-se ao processo de mudanças exigido pela sua contingência histórica. Assim, ao entrar no século XX,

²⁹Em *A Viena de Wittgenstein*, A. Janik e S. Toulmin fazem uma excelente análise das condições históricas e políticas do período final da monarquia dos Habsburgos e, com ela, conseguem dar a dimensão da complexidade de um dos períodos mais férteis, originais e criativos da vida cultural vienense. No livro, os autores procuram mostrar como a contribuição de Wittgenstein à filosofia se deu, paralelamente, a uma espécie de revolução que também se manifestou na arte e arquitetura, na música, na literatura e psicologia. Este estudo pretende recuperar alguns pontos desta análise para explorar a ideia de que admitir a originalidade ou a singularidade de uma experiência (intelectual, inclusive) não nos permite separá-la do contexto que participou de sua composição e, por isso mesmo, nos ajuda a entendê-la em profundidade.

³⁰A monarquia de Francisco José era composta por vários povos, o que a tornava uma ingovernável mistura de alemães, rutenos, italianos, eslovacos, romenos, tchecos, poloneses, magiares, croatas, saxões, sérvios e transilvanos (A. Janik e S. Toulmin, 1972, p.34). A dificuldade de se verem atendidas as reivindicações das minorias, que se sentiam excluídas do processo político, acirrou os nacionalismos. Os conflitos étnicos continuaram acontecendo durante as décadas de 1870 e 1880 e se agravaram com o aumento do anti-semitismo na Áustria.

o reinado de Francisco José, que durou 68 anos, foi assumindo um formalismo de fachada que desconsiderava um cenário sacudido por grandes transformações. Dentre todas as terras que pertenciam ao império, Viena tinha a importância única de representar uma consciência supranacional e cosmopolita, o que era a única esperança de sobrevivência da dinastia. As belezas externas de Viena, no fim do século XIX, foram resultado do empenho do imperador que reconstruiu a cidade entre 1848 e 1888³¹. Desse modo, na Europa, Viena só podia ser comparada a Paris.

A mesma cidade que, por um lado, parecia cultivar o prazer como um modo de viver oferecia a seus habitantes uma dura realidade cotidiana. Os autores, ao se disporem a ir além das primeiras aparências em relação àquela maneira de viver, trazem para o seu estudo outros autores como Stefan Zweig, Schorske e Robert Musil que, com suas análises, contribuem para desmistificar o charme aparentemente incontestável da vida vienense. Assim, surgem comentários de que mesmo a dança, uma paixão vienense, cumpria a função de possibilitar a fuga à difícil realidade da vida cotidiana dos habitantes da cidade. Dentre as muitas ambigüidades que os autores reconhecem em relação àquele modo de vida, citam, por exemplo, os atraentes cafés da cidade que sempre impressionaram os turistas por formarem uma imagem de que ali se vivia uma existência despreocupada. De fato, eles faziam parte do modo de vida vienense e apresentavam uma realidade atraente, na medida em que neles se podia passar o dia com apenas um café ou um copo de vinho, enquanto se lia os jornais e revistas do mundo inteiro. Mas, isso, da mesma maneira que no caso da dança, estava ligado ao lado sombrio da escassez de moradia³² para a classe trabalhadora na virada do século XIX para o século XX. Além de escassas, as residências mal aquecidas eram inadequadas, além de tristes. Tal situação mostrava que a animação e calor dos numerosos cafés também supria a privação que havia nas casas.

³¹Por esse tempo havia uma grande quantidade de parques e uma excelente estatuária em Viena. Também foram construídos palácios, museus, um novo Teatro Imperial, uma nova Ópera Imperial, um grande boulevard e, por duas vezes, os limites da cidade foram ampliados. Porém, segundo os autores, essas foram as últimas concessões que o velho imperador pôde fazer ao mundo moderno. Ele evitou o telefone, o automóvel, a máquina de escrever e também a luz elétrica.

³²Em 1910 havia somente 5.734 moradias unifamiliares e estas alojavam 1,2% do total da população vienense. Em média, o aluguel custava um quarto do salário de um trabalhador (A, Janik e S. Toulmin, 1972).

Os autores comentam que Viena, ao mesmo tempo que se reconhecia e era, de fato, uma das matrizes da criação cultural, não era nada benevolente para com os verdadeiros inovadores. Assim, tanto na música como na pintura, uma orientação medíocre difundiu para a sociedade, em geral, padrões e juízos críticos que, na maioria das vezes, eram estéreis e formais. Alguns homens, que depois de suas mortes foram reconhecidos por seus grandes talentos, em vida, foram muito maltratados por seus contemporâneos. Na música, eles citam Franz Schubert, Hugo Wolf e Arnold Schönberg, mas vêm no caso de Gustav Mahler um exemplo importante para o que querem mostrar: ao mesmo tempo em que ele foi reconhecido como o maior dos regentes de orquestra, ao levar a Ópera Imperial a uma excelência nunca alcançada até então, foi também denunciado como um compositor degenerado por ser judeu³³.

Viena também foi o centro médico do mundo na transição do século XIX para o XX, a ponto de receber estudantes de medicina americanos para estudarem com os luminares vienenses. Mesmo assim, a obra de Freud, por exemplo, não foi reconhecida em sua própria cidade por uma falta de visão de seus contemporâneos que não entenderam o seu significado³⁴.

No fim da dinastia Habsburgo, Viena era, principalmente, uma cidade da burguesia e as figuras que nela se destacavam em vários campos tinham origem burguesas. Foi um período em que a indústria de expandiu, ganhou-se bastante dinheiro e grandes somas também foram perdidas. O sucesso financeiro respaldava a sociedade patriarcal e as grandes fortunas possibilitaram que a geração mais jovem, sem preocupação com a subsistência, cultivasse as artes.

O “bom casamento” era tido como essencial e isso significava a primazia das questões financeiras em relação às sentimentais. A sociedade burguesa valorizava a ordem, as tradições do passado e, sobretudo, a estabilidade. Desse

³³Os autores comentam que movimentos sociais e políticos tão antagônicos como o nazismo e o anti-semitismo alemão, por um lado, e o sionismo, por outro, tiveram suas origens em Viena. No século XIX, a história dos habsburgo mostra que o esforço para substituir o alemão pelo latim para facilitar a administração imperial, provocou, como reação, o nacionalismo cultural húngaro e tcheco, que logo se transformou em nacionalismo político. Já o nacionalismo eslavo produziu, por sua vez, o nacionalismo econômico e político alemão e este deu origem ao anti-semitismo. O sionismo surge como reação judaica.

³⁴A. Janik e S. Toulmin falam também de Semmelweis, que apesar de ter descoberto que a origem da febre puerperal era devido à falta de assepsia, e que as unhas sujas de médicos e parteiras podem causar uma infecção fatal na mãe e no bebê, se viu sem condições de implementar novas práticas de obstetrícia por influência política de médicos que se opunham às suas descobertas. Semmelweis foi desacreditado profissionalmente e acabou sua vida, 15 anos depois da descoberta que salvou tantas vidas, numa instituição para doentes mentais.

modo, eram apreciados a razão, o progresso, a perseverança, a autoconfiança, o compromisso e a disciplina, como valores em conformidade aos padrões do bom gosto e da ação, enquanto que o irracional, o apaixonado e o caótico deviam ser evitados. Um nome respeitado seria a recompensa por adesão a essas regras e o êxito se mostraria na quantidade de bens e propriedades que um homem pudesse ter. O lar burguês funcionava como um microcosmo da monarquia no qual o pai de família tinha uma autoridade absoluta, além da função de garantir a ordem e a segurança. Esse lar não mostrava somente o sucesso de um homem, era também o seu refúgio³⁵: nele, os enfadonhos detalhes do mundo cotidiano ficavam de fora. Os autores ressaltam que o artificialismo da concepção burguesa de vida podia ser constatada na decoração da própria casa: por não possuir um estilo próprio, o burguês só podia imitar o passado. Assim, não se discutia a decoração que privilegiava o complexo ao simples, o decorativo ao útil e a profusão de objetos de arte espalhafatosos e de diferentes estilos que atulhava os cômodos das residências. Dentro do seu “castelo”, ao homem era permitido usufruir dos frutos de seu trabalho e, por esse tempo, a arte, a música e a literatura eram considerados, além de um deleite, fonte da verdade metafísica. Essa noção em relação às artes tanto se ampliou, que o gosto estético do homem burguês passou a ser um termômetro de sua posição social e econômica. Assim, ele fazia justiça ao seu status, dedicando-se às artes, em seu tempo livre, com tanto zelo, quanto aos negócios durante as horas de trabalho. Para a geração seguinte, a arte se tornou um modo de vida. Enquanto seus ascendentes apreciavam as manifestações artísticas cujos valores eram orientados para o passado, a arte da geração mais jovem, pelo contrário, era inovadora, olhava para o futuro e era de importância central em suas vidas. Segundo os autores, para os filhos, que cultuavam a arte pela arte, a dedicação dos pais aos negócios não tinha muito valor. Os pais, por sua vez, recebiam mal a rejeição dos filhos em relação aos valores de uma sociedade dentro da qual eles tinham lutado por um lugar. Assim, transformaram-se em defensores desses valores e empenharam seus esforços para reprimir a força criativa e inovadora da nova geração.

³⁵A. Janik e S. Toulmin, citam o livro de Zweig, *O Mundo de Ontem: uma autobiografia*, para falar do sentimento de perda que dominou aquela geração, depois que a guerra destruiu o isolamento da realidade que o lar burguês tinha sido criado para proporcionar, deixando seus habitantes cara a cara com aspectos cruéis de uma realidade que eles, simplesmente, não estavam preparados para enfrentar.

Na esfera política, os autores detectam a falência do liberalismo que, na década de 1890, foi suplantado pelo aparecimento dos novos partidos de massa que passaram a dominar a cena política vienense. Para as classes médias, sem condições de assumir o poder político, o esteticismo apresentou-se como uma alternativa viável à dedicação ao mundo dos negócios. A arte, então, que tinha desempenhado a função de coroar o êxito da classe média nos negócios, transformou-se para a geração mais jovem um caminho de fuga. Essa jovem geração estava alienada da gravidade da situação que se desenrolava diante de seus olhos e que iria desembocar na I Guerra Mundial.

Foi esse o ambiente que chamou a atenção de escritores, pensadores e artistas de vários tipos que, pode-se dizer, se sentiram convocados a criar novas formas de expressão para uma sociedade na qual as antigas formas, já conhecidas, não conseguiam mais desempenhar as funções de comunicar as novas experiências que aquele tempo via surgir. Assim, como ressaltam os autores, a estabilidade daquela sociedade, com toda sua efervescência e brilho, exprimia um formalismo rígido que, a duras penas, encobria o caos cultural subjacente. Na verdade, como centro intelectual e cultural reconhecido, Viena era completamente incapaz de enfrentar seus críticos. A. Janik e S. Toulmin reconhecem em Wittgenstein um dos gênios a perceber que o escapismo dos estetas não passava de uma falsa solução narcisista para romper com o engessamento da forma de vida burguesa. Assim, coube a ele, ao lado de outras figuras tais como Kraus, Schönberg e Loos, exercer uma crítica fundamental dos meios usuais de expressão.

A figura de Karl Kraus

No estudo em que analisam o contexto cultural no qual o pensamento de Wittgenstein se formou, A. Janik e S. Toulmin vêem em Karl Kraus uma importante referência. Para eles, Kraus tinha uma percepção aguda das forças desumanizantes que agiam em Viena, ao considerá-la “um campo de provas para a destruição do mundo.” (Kraus, segundo A. Janik e S. Toulmin, 1972, p. 67). A crítica de Kraus à sociedade vienense estava ligada ao seu pedido por uma crítica da linguagem como modo de pensar e meio de expressão. Assim, dedicou sua vida e seu talento como escritor a promover uma regeneração da cultura como um

todo, o que fazia por meio da polêmica e da sátira. A verdadeira cruzada de Kraus para restabelecer a honestidade do debate social acabou por ecoar em outras áreas da atividade intelectual e artística, convertendo-se na exigência de uma ampla crítica dos meios de expressão usados em todos os campos. Para Kraus, o gosto do vienense pela literatura, pelo teatro e a música espelhava a duplicidade moral que prevalecia na sociedade e sua crítica se baseava numa concepção geral que julgava a honestidade e a verdade artísticas como os fatores mais importantes da vida. Para ele, a característica que distingue tudo que é moral e artístico é a integridade e era justamente isso que, a seu ver, faltava em muitos dos seus contemporâneos, tornando-os alvos de seus ataques.

Aos 23 anos, Karl Kraus foi convidado pelo editor da *Neue Freie Presse* a ocupar o lugar de principal satirista do jornal³⁶. Mas no ano seguinte, em 1899, iniciou a publicação de seu quinzenário *Die Fackel*. Segundo A. Janik e S. Toulmin, de 1899 a 1932, 922 números da publicação deliciaram e enfureceram o público vienense com as paródias e ataques de Kraus, que vivia para o que escrevia, orientando sua vida em torno de sua obra.

Era incontestável o seu extraordinário talento satírico, bem como seu grande domínio da linguagem, o que explica a eficiência de suas polêmicas. Numa resenha, em que o crítico contemporâneo George Steiner, do *Times*, comenta o lançamento de um livro sobre Kraus,³⁷ ele aponta como razão para a dificuldade de resposta para os seus escritos, a sua habilidade para lidar com os detalhes, com os menores elementos do léxico e da gramática, da tipografia e da pontuação. Assim, a doença da linguagem que para ele era, também, a da agonizante civilização européia, só poderia ser diagnosticada e combatida em escala microscópica, por uma implacável filologia de ironia e vingança, por táticas de leitura que se dessem, não somente nas entrelinhas, mas entre as letras nas falsas palavras. Esta maneira de ver as coisas fez com que Kraus se dedicasse a uma crítica incansável e endereçasse milhões de palavras furiosas a várias instâncias do jornalismo, combatendo, paralelamente, o jargão burocrático, a retórica política, a

³⁶A *Neue Freie Press* era um jornal vienense de grande importância. Apesar de lá lhe ter sido oferecido um lugar de prestígio, Karl Kraus foi seu implacável crítico. O jornal, que era uma referência para os outros, não se mostrava independente do regime e seu noticiário tendia sempre a favor dos interesses industriais. Assim, para Kraus, a busca pela excelência do padrão jornalístico incluía a excelência em astúcia e hipocrisia.

³⁷O livro é de Edwards Timms, *Karl Kraus: apocalyptic satirist vol.two: The post-war crisis and the rise of the swastika*, editado pela Yale University Press.

linguagem jurídica e a avalanche vazia da propaganda comercial. A maior parte das polêmicas, ensaios e artigos publicados em *Die Fackel* lida com alvos efêmeros e locais e o mosaico de alusões, de divertidas ou insolentes referências, de estridentes ou disfarçadas citações, é uma formidável colagem, uma montagem tão habilidosa e caleidoscópica como a que acontece nos melhores filmes e na arte surrealista. Porém, para apreciá-la por inteiro, é indispensável que se tenha uma familiaridade com o que havia de jornalístico, cívico, judicial, teatral e erótico, ocorrendo na Viena de Kraus, antes e depois da Primeira Guerra Mundial, pois notas explicativas excederiam a agudeza e a fúria do texto. Assim, inevitavelmente, circunstâncias completamente diferentes fazem com que muito dos efeitos da sátira de Kraus, hoje, estejam apagados, bem como os seus alvos.

Havia, porém, segundo o crítico George Steiner, o “outro” Kraus, o apocalíptico que, por exemplo, com sua monumental sátira, *Os últimos dias da humanidade*³⁸, contrapõe o minimalismo concentrado do seu “contra-jornalismo”. Na peça que registra as reações de Kraus à guerra, as visões apocalípticas têm grande importância. A esse respeito, ela lembra alguns de seus textos anteriores nos quais o declínio do mundo civilizado se torna um dos temas. Segundo Steiner, como numa extraordinária e lúgubre previsão, Kraus se deu conta do potencial de Hitler ainda em 1923 e, num repente de profecia, anteviu o triunfo do barbarismo. Para ele, somente Kafka que, perto de sua morte, leu as “deprimentes orgias” de Kraus, se compara ao seu gênio para a clarividência. Pode-se dizer, por isso, que os escritos de Kraus conseguem reunir um extremo caráter local, bem como detalhes temporais e referências privadas com os grandes horizontes da história. Ele próprio desempenhou um papel no momento em que o império Austro-Húngaro desmoronou e, mais particularmente, em Viena depois de 1918.

Segundo Steiner, ainda que esse assunto tenha sido exaustivamente tratado, permanece um complexo de criatividade e patologia quase único na civilização ocidental. Mesmo uma pequena lista de nomes relevantes desafia a crença: Freud, Musil, Wittgenstein, Schönberg, Carnap, Kafka, Loos, Mach, Kokoschka... Todos eles tomaram parte numa implosão de gênios individuais e

³⁸Como um todo, a peça pode ser considerada como um trabalho de arte completo. Resumidamente, o drama se desenvolve em citações de outros textos (Shakespeare, Goethe, Nestroy, a Bíblia), montagem, colagem, composição de figuras históricas (o imperador Francisco José II, o imperador alemão Guilherme II e outros), personagens fictícias; uma mistura de cenas polifônicas com muitos figurantes e fragmentos cênicos, alguns dos quais, contendo só uma sentença ou só uma cena dirigida, canções e elementos acústicos (Kunne, A. 2003).

interação — intelectual, política, erótica — concentrada para gerar quase cada componente do que chamamos “modernidade”.

É importante ter em mente a informação segundo a qual em Viena, nos últimos tempos do império, era comum que os líderes culturais se conhecessem, se encontrassem e até mesmo fossem amigos, ainda que seus trabalhos se dessem em campos da arte, pensamento e assuntos públicos bastante diferentes. Nesse sentido, pode-se entender que houve uma relação íntima entre um conjunto de criações intelectuais e artísticas com a crítica da linguagem conduzida por Karl Kraus. Para ser fiel à crítica proposta por ele, o intelectual ou artista devia se engajar numa luta contra a corrupção moral e estética, ao exercer uma crítica dentro da sua área específica de atuação. Para Loos, por exemplo, essa área foi a arquitetura, para Schönberg, era a música, para Wittgenstein, a filosofia³⁹ (A. Janik e S. Toulmin, 1972).

O contexto familiar de Wittgenstein e um pouco de sua trajetória na vida

Uma parte de mim
é todo mundo:
outra parte é ninguém:
fundo sem fundo.
Uma parte de mim
é multidão:
outra parte estranheza
e solidão.
Uma parte de mim
pesa, pondera:
outra parte
delira.
Uma parte de mim
almoça e janta:
outra parte se espanta.
Uma parte de mim
é permanente:
outra parte se sabe de
repente.
Uma parte de mim
é só vertigem:
outra parte linguagem.
Traduzir-se uma parte

³⁹Em *Wittgenstein*, Chauviré (1991) comenta que, depois de escrever a Russel no início de 1919 para informá-lo da finalização do *Tractatus*, enviou imediatamente uma cópia a Viena, para Johoda, o editor de Kraus. Wittgenstein via em seu livro uma contribuição aos objetivos de *Die Fackel* e esperava que Kraus fosse consultado, pois estava em contato com o círculo dele por meio de Loos e Engelmann (Chauviré, 1991, p.45).

na outra parte
 — que é uma questão
 de vida ou morte —
 será arte?
 (Ferreira Gullar)

No contexto cultural da passagem do século XIX para o XX em Viena, a família de Wittgenstein, de ascendência judaica⁴⁰, pertencia à alta burguesia e se destacava por sua cultura e riqueza. Ludwig Wittgenstein nasceu em 26 de abril de 1889 e era o oitavo e último filho de Karl e Leopoldine Wittgenstein. Seu pai, muito enérgico e determinado, tornou-se, rapidamente, um dos homens mais ricos de Viena graças ao seu grande conhecimento da nova tecnologia do seu tempo aliado a um ótimo senso comercial. Como um mestre indiscutível da técnica e dono de uma enorme capacidade de trabalho, ficou conhecido por sua habilidade incomum de transformar fábricas deficientes em empresas prósperas e produtivas (A. Janik e S. Toulmin, 1972).

Pode-se dizer que a casa dos Wittgenstein era um autêntico pólo cultural. O próprio Karl era um mecenas e tinha uma posição de vanguarda em relação à pintura: ficou conhecido como o “mecenas oficial da Secessão”, termo este usado nos países germânicos para nomear as manifestações artísticas no fim do século XIX que buscavam o rompimento com a tradição acadêmica (Chauviré, 1991). Em relação à música, sua posição era mais conservadora. Toda a família era ligada aos Schumann e a Brahms, que, inclusive, freqüentava a casa. Karl tocava violino e costumava levá-lo quando tinha que viajar para longe de casa, mesmo no auge de sua carreira como magnata do aço. Sua mulher, Leopoldine, era uma exímia pianista. Na verdade, na casa⁴¹ dos Wittgenstein respirava-se música: em seu salão, eram executadas partituras de compositores renomados que eram amigos da família e os próprios Wittgenstein, na qualidade de amadores, eram superiores a muito profissionais. Hans, um dos irmãos mais velhos de Wittgenstein, tocava vários instrumentos como um virtuose, mas se suicidou aos 26 anos por causa de uma vocação contrariada pelo pai, que o queria seguindo seus passos numa carreira dedicada às finanças e à indústria. Já Paul, o irmão mais

⁴⁰A ascendência judaica da família, embora incontestável, nunca pode ser estabelecida: a própria família tinha dúvidas sobre a sua genealogia. O avô e o pai de Wittgenstein eram protestantes, mas a mãe era católica romana. Já os filhos foram educados na religião católica (Chauviré, 1991).

⁴¹Segundo Chauviré (1991), Wittgenstein, mais tarde, no ambiente austero de Cambridge, se referiria à casa dos sete pianos com nostalgia e orgulho.

próximo de Wittgenstein em idade, mesmo tendo perdido o braço direito na guerra de 1914, levou adiante uma carreira de concertista internacional com determinação, ao encomendar obras para a mão esquerda aos melhores compositores da época, como foi o caso, por exemplo, do *Concerto para a mão esquerda* de Ravel.

Os outros irmãos de Wittgenstein eram, igualmente, talentosos: Kurt era violoncelista. Mas, em 1918, suicidou-se⁴² no front italiano, como alternativa à sua captura. Rudolf tinha vocação para o teatro, porém, suicidou-se, em 1902, um ano depois de seu irmão Hans. Hermine expressava seu talento na pintura, Helene tocava piano e Margarete era considerada a rebelde da família e dotada de grande brilho intelectual. Segundo A. Janik e S. Toulmin (1972), provavelmente, foi por seu intermédio que Wittgenstein conheceu os escritos de Schopenhauer, Weininger e Kierkegaard, ela mesma tendo se mantido sempre atualizada com a vida intelectual e cultural. O próprio Ludwig tinha talento musical, ainda que este não tenha se manifestado como sua vocação principal. Em algum momento, Wittgenstein pensou em ser maestro e, depois dos trinta anos, a clarineta foi o único instrumento que aprendeu a tocar. Também foi capaz de impressionar os amigos, tanto em Viena como mais tarde em Cambridge, ao assobiar concertos inteiros com precisão e expressividade.

Para Chauviré (1991), os Wittgenstein tinham, e até cultivavam, a consciência de sua singularidade. Esta se devia, não só ao privilégio de sua grande fortuna, mas, também, pelo fato de que viviam isolados, educados por preceptores fora do sistema institucional e social. Assim, Ludwig Wittgenstein, que até os quatorze anos permaneceu em casa, pode desenvolver seus dotes⁴³ intelectuais em seu próprio ritmo, o que também foi um fator determinante em sua educação ulterior.

Ao conhecer o contexto familiar de Wittgenstein e imaginar suas primeiras experiências naquele mundo mais restrito, lembrei-me de alguns “ensinamentos”

⁴²Era muito grande, naquele contexto sócio-cultural, a taxa de suicídios. Assim, os autores de *A Viena de Wittgenstein* (1995) reconhecem que esse número elevado, para além de focalizar a questão em termos de temperamentos pessoais, chama a atenção para as condições de vida enfrentadas pelas pessoas, como também alerta o estudo de Durkheim sobre o suicídio, publicado em 1897.

⁴³Desde cedo Wittgenstein manifestou um talento extraordinário para construir coisas: aos 10 anos fez um modelo de máquina de costura com palitos de fósforo que, de fato, funcionou (A. Janik e S. Toulmin, 1972).

de Pasolini. Num texto em que falava para um jovem, Pasolini procurava explicar-lhe que as imagens que guardamos na memória no começo da vida são signos, mais exatamente, signos lingüísticos. Para falar da linguagem pedagógica das coisas, ele identifica como sua primeira imagem na vida uma cortina branca transparente, que pendia imóvel de uma janela que dava para um beco bastante triste e escuro. Pasolini reconhece que essa cortina o aterrorizava e angustiava, não como uma coisa ameaçadora ou desagradável, mas como algo cósmico, definitivo. Nele se resumia e tomava corpo todo o espírito da casa em que nasceu, uma casa burguesa em Bolonha. Outras imagens disputavam com a da cortina, mas eram menos dolorosas: uma alcova na qual dormia sua avó, pesados móveis de família, uma carroça que passava pela rua, na qual sempre queria subir... Para Pasolini, nelas também estava solidificado aquele algo cósmico em que consistia o espírito pequeno burguês do mundo em que vivia. Assim, tentava explicar para o jovem que todas aquelas imagens, como signos lingüísticos, tinham ensinado a ele onde tinha nascido, em que mundo vivia e, acima de tudo, como deveria conceber seu nascimento e sua vida. A comunicação daquelas imagens e objetos era essencialmente pedagógica:

“Em se tratando de um discurso pedagógico inarticulado, fixo, incontestável, não pode deixar de ser, como se diz hoje, autoritário e repressivo. O que aquela cortina me disse e me ensinou não admitia réplica (e não admite) réplicas. Não era possível nem admissível nenhum diálogo, nenhum ato auto-educativo. Eis porque acreditei que o mundo todo fosse o mundo que aquela cortina tinha me ensinado, ou seja, que o mundo todo fosse bem educado, idealista, triste, cético, um tanto vulgar; pequeno burguês, em suma” (Pasolini, 1990, p. 127).

Pasolini continua dizendo que outros “discursos de coisas” sobrevieram, depois, por toda sua infância e juventude e, freqüentemente, esses novos discursos contradiziam os iniciais. Mas, continua ele:

“Quanto não foi preciso, meu caro Gennarielo, para que aqueles primeiros discursos fossem postos em dúvida e explicitamente contestados pelos subseqüentes! Seu espírito repressivo e autoritário foi por muitos anos invencível. É verdade que logo compreendi que além do meu mundo pequeno burguês, tão cosmicamente absoluto, existia também um outro, ou melhor, existiam outros mundos. Mas durante muito tempo sempre me pareceu que o único mundo verdadeiro, válido, demonstrado pelos objetos, pela realidade física, era o meu; enquanto os outros me pareciam estranhos anômalos, inquietantes e desprovidos de verdade” (Pasolini, 1990, p. 127).

Reconhecendo a verdade dos belos ensinamentos de Pasolini, fiquei imaginando o que a riqueza dos objetos, a imponência de sua casa, bem como o requinte do ar que respirava teriam ensinado, com muita autoridade, a Wittgenstein, bem no começo de sua vida. Em que medida o que aprendeu exigiu dele um esforço, ao longo da vida, para descobrir e enfrentar novos mundos? Em que medida Wittgenstein conseguiu pôr em questão aquele mundo que, a princípio, pareceu tão incontestavelmente único? Em que medida o rejeitou? O quanto se espantou, se alegrou ou se assustou com as novas descobertas? Não é possível saber o grau de elaboração do filósofo em relação a essas perguntas, porém, sua própria vida, levada com tanto compromisso e intensidade, dá algumas pistas quanto a possíveis respostas. Então, é preciso continuar...

A infância e a ida para a escola

Segundo Monk (1995), embora mais tarde Wittgenstein se referisse à sua infância como infeliz, sua própria família o via como um garoto alegre. Talvez tenha sido uma época em que o desejo de agradar o tenha deixado na situação de se adequar aos desejos alheios, aceitando, por exemplo, que as pessoas falassem por ele sobre sua inclinação natural. Esta seria o gosto pelas disciplinas técnicas que, justamente, o preparariam para a ocupação predileta do pai. Assim, Wittgenstein foi matriculado em uma escola mais técnica e menos acadêmica, a Realchule em Linz, embora em seu íntimo não se visse com gosto ou talento para a engenharia. Também segundo Monk, esta questão pode estar ligada às suas reflexões, quando jovem, sobre a honestidade: o ponto que o fazia entrar em conflito era sutil, como, por exemplo, o fato de qualificar como desonesta a afirmação de alguém que diga, não a verdade, mas, sim, o que se espera que seja dito, como parece ter sido o seu caso. De todo modo, passou de 1903 a 1906 na Realchule e seu boletim, fraco no geral, era pior nas matérias técnicas do que nas humanas. Só conseguiu alcançar o grau máximo naquela escola em duas ocasiões, em matérias ligadas à religião. Em sua biografia, Monk comenta que uma parte de seus maus resultados pode ser explicada pelo quanto era infeliz na escola. Pode-se imaginar que Wittgenstein levou um choque, ao se afastar pela primeira vez do ambiente no qual vivia. Sua relação com os colegas foi difícil, pois detestava suas atitudes, que considerava vulgares. Em contrapartida, estes o achavam “um ser de

outro mundo”. Lá, só conseguiu fazer um amigo, com o qual dividia acomodações e, para Monk, tudo isso pode ter intensificado sua inclinação pela inquirição e pela dúvida, já contidas em suas reflexões anteriores. Assim, seu desenvolvimento intelectual neste período aconteceu muito mais por conta do crescimento dessas dúvidas do que por algo que tenha aprendido na escola. Por esse tempo, foi sua irmã Margarete, a “Gretl”, que o influenciou intelectualmente, estando, ela mesma, a par do que acontecia no campo das artes e das ciências⁴⁴. Por seu intermédio, Wittgenstein teve o primeiro contato com *Die Fackel (A Tocha)*, o periódico satírico de Kraus, cuja coleção ela possuía. Segundo Chauviré (1991), quando Wittgenstein se refugiou na Noruega, em 1913, recebia *Die Fackel* a seu próprio pedido. Lá havia ataques ferozes, inclusive, a seu pai, porém a ética rigorosa de Kraus, bem como sua crítica ao jornalismo, à linguagem e à arte o impressionaram profundamente, ao ponto de tomar, como norteadores para vida, a decência e correção.

Monk comenta que, a partir de 1904, a característica dos ataques de Kraus tendeu mais para os valores morais do que para a política, o que não encontrava eco na ideologia dos marxistas austríacos. Porém, essa tendência coincidiu com o ponto de vista de Wittgenstein já adulto, para o qual o trabalho de melhorar a si mesmo era a única maneira de melhorar o mundo. Nesse sentido, as questões de integridade pessoal vinham antes das questões políticas. Para além disso, as perguntas que fossem formuladas deveriam receber respostas cujo foco principal seria “o dever inviolável ser verdadeiro consigo mesmo”. A determinação de não esconder “o que se é” passou a ser fundamental para Wittgenstein (Monk, 1995, p. 31). De fato, já bem mais tarde, em 1937, ele escreve:

“Você não pode escrever nada sobre si mesmo que seja mais verdadeiro do que você mesmo é. Esta é a diferença entre escrever sobre si mesmo e escrever sobre objetos externos. Você escreve sobre si a partir da sua própria altura. Não sobe em pernas de pau ou numa escada, mas está sobre seus próprios pés”⁴⁵ (Wittgenstein, [1937], 1984, p. 33).

⁴⁴Segundo Monk (1995), Margarete foi uma das primeiras defensoras de Freud, além de ter sido, inclusive, analisada por ele. Mais tarde ficaram amigos e ela o ajudou a fugir dos nazistas depois que a Áustria foi anexada à Alemanha.

⁴⁵You cannot write anything about yourself that is more truthful than you yourself are. That is the difference between writing about yourself and writing about external objects. You write about yourself from your own height. You don't stand on stilts or on a ladder but on your bare feet.

“Ninguém pode falar a verdade se não tiver domínio sobre si mesmo. *Não pode* dizê-la; — mas não porque ainda não seja inteligente o bastante.

A verdade pode ser dita somente por alguém que já se sinta *em casa* com ela; não por alguém que vive em falsidade e alcança de lá a direção da verdade, apenas de vez em quando”⁴⁶ (Wittgenstein, [1937], 1984, p. 35).

Ainda na escola de Linz, além de leituras ligadas à filosofia⁴⁷ e à crítica cultural sob a orientação de Gretl, sabe-se que as obras científicas lidas por ele, *O princípio da mecânica*, de Heinrich Hertz e *Escritos populares*, de Ludwig Boltzmann, apontam para um interesse mais voltado para a filosofia da ciência. Como Boltzmann era professor de física na Universidade de Viena, parece que Wittgenstein manifestou o desejo de estudar com ele depois de concluída a escola. Porém, justamente em 1906, ano em que isso poderia acontecer, Boltzmann se suicidou. Segundo Monk (1995), a idéia do pai para a continuidade dos estudos de Wittgenstein era o desenvolvimento de seus conhecimentos técnicos e não seu interesse pela filosofia e filosofia da ciência. Assim, ele foi para Berlim onde estudou engenharia mecânica na Technische Hochschule, recebendo seu diploma em 1908.

É interessante registrar o comentário de Chauviré (1991), para quem Wittgenstein foi sempre, antes de tudo, um cientista, apesar de seu gosto diletante pela literatura filosófico-ética. Para ela, seu espírito era o de um engenheiro, antes mesmo de freqüentar a escola de engenharia. Este espírito fazia com que qualquer problema fosse analisado por ele em termos concretos e comuns e é um dos encantos que têm os seus textos: a abordagem de problemas muito abstratos por meio de exemplos e comparações bem simples, o que é um fato raro na história da filosofia. Já A. Janik e S. Toulmin registram a observação do amigo e testamentário literário de Wittgenstein, o Professor Von Wright, que em conversa pessoal com eles disse que “os dois fatos mais importantes a recordar a respeito de Wittgenstein eram, em primeiro lugar, que ele era um vienense e, em segundo

⁴⁶No one *can* speak the truth; if he has still not mastered himself. He *cannot* speak it; — but not because he is not clever enough yet.

The truth can be spoken only by someone who is already *at home* in it; not by someone who still leaves in falsehood and reaches out from falsehood towards truth on just one occasion.

⁴⁷Por esse tempo, Wittgenstein leu Nietzsche, Kierkegaard, além de bons escritores austríacos. Ele mesmo fez uma lista, mais tarde, nos anos trinta, que incluía Boltzmann, Shopenhauer, Hertz, Frege, Russel, Kraus, Loos, Weininger, Spengler e Sfraffa, um economista de Cambridge (Chauviré, 1991).

lugar, que era um engenheiro com profundos conhecimentos de física” (A. Janik e S. Toulmin, 1972, p. 19).

Segundo Monk, o senso de dever para com o pai fez com que Wittgenstein se dedicasse à engenharia, tendo desenvolvido por esse tempo um interesse pela ciência da aeronáutica. Foi uma época de interesses conflitantes porque seu gosto pelas questões filosóficas era crescente e, já nesta época, começou a escrever suas próprias reflexões filosóficas.

Em 1908, aos dezenove anos, foi para Manchester na Inglaterra, onde pretendia tornar-se engenheiro em aeronáutica. Lá começou suas pesquisas, projetando e construindo pipas experimentais. Em uma carta para sua irmã Hermine, Wittgenstein conta suas experiências, as quais considera agradáveis, apesar de descrever, também, seu isolamento físico e emocional e a falta que sentia de companhia. Neste mesmo ano, matriculou-se como estudante pesquisador na Universidade de Manchester e começou a freqüentar seminários organizados por um matemático. Seu recente interesse pela matemática pura o fez assistir, também, a palestras sobre a teoria da análise matemática. Foi nessa ocasião que, por indicação de um colega, iniciou a leitura do livro de Bertrand Russell, *The principles of mathematics*. Este livro capturou fortemente o interesse de Wittgenstein. Segundo Monk, ele se mostrou cada vez mais envolvido pelas questões discutidas pelo filósofo, apesar de continuar por mais dois anos suas pesquisas aeronáuticas.

No final do seu livro, Russell sugeria um trabalho posterior que pudesse avançar no conhecimento da lógica a partir do ponto alcançado por ele. Wittgenstein se dedicou a esta tarefa, enviando algumas das soluções encontradas por ele a um matemático amigo de Russell. A resposta não foi encorajadora e falava, inclusive, em nome do próprio Russell, com quem as questões enviadas teriam sido discutidas. Monk se refere a um depoimento de Hermine, que testemunhou o sofrimento de seu irmão como consequência desse desfecho. Pode-se dizer que isso avivou o conflito gerado pelo gosto de Wittgenstein pelas questões filosóficas e as dúvidas quanto ao seu talento para a filosofia. Talvez por isso, só dois anos mais tarde entrou em contato, diretamente, com Frege e Russell para apresentar a eles uma proposta mais trabalhada. Ainda assim, durante o tempo que permaneceu em Manchester, continuou seu trabalho na tentativa de projetar e construir um motor de avião e, ao trocá-lo pelo projeto de construção de

uma hélice, ganhou uma bolsa de pesquisa da universidade para levar a idéia adiante.

A escolha de Wittgenstein pela filosofia

Esta espécie de loucura
Que é pouco chamar de talento
E que brilha em mim, na escura
Confusão de pensamento,

Não me traz felicidade,
Porque enfim, sempre haverá
Sol ou sombra na cidade
Mas em mim não sei o que há.
Fernando Pessoa

Até junho de 1911, tudo parecia seguir em frente, mas em outubro deste ano Wittgenstein voltou-se para a filosofia, chegando a fazer o esboço de um plano para um livro. Neste mesmo ano, levou-o para discuti-lo com Frege, em Iena e, nesse encontro, Frege recomendou a Wittgenstein que fosse a Cambridge estudar com Russell. Tal encontro foi decisivo para Wittgenstein. Depois de apresentar-se, matriculou-se em suas aulas sobre lógica matemática com a esperança de descobrir se faria bem em abandonar suas pesquisas como engenheiro para se entregar à reflexão filosófica. Um pouco mais tarde, Wittgenstein contou ao seu grande amigo, David Pinsent, o quanto que o incentivo de Russell para que se dedicasse à filosofia tinha sido sua salvação, tendo-o livrado de nove anos de solidão e sofrimento, período em que chegara a pensar em suicídio.

Com certeza, o encontro com Wittgenstein foi muito importante na vida do próprio Russell, que não demorou muito para perceber o jovem talento, transformando-o, logo, em seu protegido. Considerava-o “o aluno ideal” e sua admiração não tinha limites: para ele, Wittgenstein era “cheio de uma borbulhante paixão que poderá levá-lo a qualquer parte” (Russell, segundo Monk, 1995, p. 54). Tendo se formado entre os dois um vínculo de afeto, Wittgenstein confidenciou ao seu mestre seus grandes conflitos pessoais, sua solidão, suas tendências depressivas e até suas idéias de suicídio. Assim, em pouco tempo, Russell se viu investido de uma responsabilidade moral e intelectual para com Wittgenstein, que passou a considerar como a um filho (Chauviré, 1991). Por esse

tempo, Wittgenstein foi aluno de G. E. Moore, em quem, também, causou uma forte impressão e de quem mais tarde ficou amigo.

Graças à proteção de Russell, Wittgenstein integrou-se bastante depressa ao pequeno universo fechado do Trinity College, em cujo Conselho de Ciências Morais ensinavam Russel, Moore, Keynes, entre outros, e participou até mesmo da secreta Sociedade dos Apóstolos, a aristocracia intelectual da Inglaterra. Russell viu, assim, seu aluno passar a ser considerado gênio e dele chegou mesmo a dizer mais tarde: “Talvez seja o exemplo mais acabado que conheci do gênio tal como tradicionalmente o concebemos: apaixonado, profundo, intenso e dominador” (Russell, segundo Monk, 1995, p. 56).

Russel e Moore passaram a tratá-lo como igual, porém, todo o sucesso que experimentava e mesmo a amizade e compreensão de Pinsent não conseguiram aplacar sua tendência à depressão ou suas crises de desespero. Estas se deviam a razões existenciais e intelectuais. De um lado, estava mergulhado em dificuldades teóricas, pois a responsabilidade de dar “o próximo grande passo em filosofia”, como esperava Russell, foi assumida com orgulho, mas, também, com sofrimento por Wittgenstein. Esta foi uma incumbência que assumiu com a mais completa seriedade, além de se transformar numa espécie de zelador da lógica matemática rousselliana, conforme comenta Monk. De outro lado, vivia atormentado por idéias de pecado, de confissão e castigo, pois como estava convencido de viver uma profunda degradação moral, acusava-se e proclamava sua indignidade. Tais sentimentos estavam ligados a impulsos sexuais homossexuais, como aparece em suas biografias, apesar da ressalva de que este assunto nunca teve comprovação, nem tampouco foi comentado pelos que poderiam falar dele com mais conhecimento, ou seja, por quem privou da intimidade de Wittgenstein⁴⁸.

De todo modo, quando lemos sobre a vida de Wittgenstein, é difícil deixar de perceber que a mesma intensidade com que buscava soluções para avançar, intelectualmente, aparecia no seu compromisso com a sua própria vida, no sentido de transformar-se moralmente para tornar-se uma pessoa melhor. Pode-se dizer que muitas vezes ficava esgotado, tal era a fidelidade ao que pensava que devia

⁴⁸Chauviré (1991) chama atenção para os padrões morais daquela época, claramente repressivos em relação à homossexualidade. Mas, também, ao que parece, Wittgenstein acreditava que quaisquer impulsos relativos à sexualidade deviam ser contidos, dominados. A esse respeito, consta que ele entrou em sintonia com algumas das idéias contidas em *Sexo e caráter*, de Otto Weininger. A. Janik e S. Toulmin (1972) expõem algumas das idéias desse autor em *A Viena de Wittgenstein*.

ser feito por ele, ou seja, o de assumir o trabalho de conduzir sua própria existência sem concessões. Nesse aspecto, sua exigência, que era enorme consigo mesmo, não era menor quanto ao que esperava das outras pessoas. De fato, foi particularmente exigente com seus amigos, os quais tinham que suportar suas explosões de raiva e impaciência contra o que considerava como deficiências morais, suas ou alheias. Em seu livro, Monk comenta que Russell chegava a considerá-lo ingênuo por, apesar de se mostrar preocupado, não atinar com os motivos de sua suposta impopularidade em Cambridge. Quanto a isso, é importante dizer que, apesar das dificuldades e de estar particularmente irritado, por esse tempo, Wittgenstein conseguiu fazer novas e importantes amizades. É dessa época a amizade com John Maynard Keynes, cujo respeito e a afeição ele soube conquistar. Graças a isso, recebeu seu apoio mais tarde durante grande parte de sua vida.

O fato é que Wittgenstein tinha aversão pelo que chamava de desonestidade intelectual e manifestava isso sem facilitar nada para o seu interlocutor, ou pensar em se proteger de julgamentos desfavoráveis a seu respeito. Quanto a Russell, como um bom amigo, procurava com cuidado e habilidade, em conversas que considerava difíceis e longas, fazer com que ele se desse conta de que suas atitudes poderiam trazer conseqüências difíceis de suportar. Pode-se compreender, pelo que Russell conhecia e admirava da integridade de Wittgenstein, sua justificativa para o temor de “estragar alguma bela qualidade se disser algo que abale essa ingenuidade” (Russell, segundo Monk, 1995, p.72). Mais tarde, o próprio Russell teve as suas idéias contestadas pelo rumo que Wittgenstein deu às suas próprias reflexões em relação à lógica. Aos poucos, seus avanços mostraram-se incompatíveis com as idéias de Russell e, já em 1913⁴⁹, ele, que tinha sido o mestre, entregava o campo da lógica à análise de Wittgenstein, então com apenas 24 anos. Este foi um momento difícil para Russell porque ele não conseguiu refutar a argumentação de Wittgenstein e percebeu, além disso, que tinha deixado escapar algo que havia sido percebido por seu discípulo. Assim, a descoberta de que, de alguma maneira, seu trabalho tinha perdido valor afetou-o profundamente, principalmente, porque minou sua autoconfiança para trabalhar com a lógica. No entanto, Russell ainda era, por esse

⁴⁹Este também foi o ano da morte do pai de Wittgenstein.

tempo, uma figura de referência a quem Wittgenstein dava notícias sobre os seus progressos, seus esforços e seus impasses no desenvolvimento do seu pensamento. Ele estava totalmente voltado para a lógica e isso o ocupava integralmente, a ponto do seu estado de humor oscilar de acordo com a sua capacidade de trabalhar. Russell assistia a tudo isso, entendia e aconselhava Wittgenstein, quando este, por exemplo, lhe contou que os problemas com a lógica o estavam enlouquecendo.

É interessante a menção de Monk a uma discussão entre Wittgenstein e Russell registrada por Pinsent: ele e Wittgenstein, depois de assistirem a uma aula de Russell, começaram a debater sobre o sufrágio feminino. O próprio Russell havia se candidatado ao Partido do Sufrágio das Mulheres em 1907. Quanto ao assunto, Wittgenstein era radicalmente contra e dá como razão uma opinião muito desagradável sobre as mulheres, acusando-as, inclusive de “pouco sérias” pelo que viu em suas atitudes na Universidade de Manchester. Monk comenta que as idéias políticas de Wittgenstein não aumentaram em rigor apesar do seu empenho no campo da lógica. Especula que talvez houvesse a incapacidade, ou mesmo a falta de vontade de aplicar sua habilidade analítica a questões de ordem pública, o que deu a oportunidade para a crítica de Russell, que muito o irritou, ao dizer que ele corria o perigo de ficar “tacanho e incivilizado”. O próprio Russell registra, em uma de suas cartas, que não via em Wittgenstein desejo suficiente para ampliar sua visão de mundo. Porém, ainda que isso não o prejudicasse em seu trabalho com a lógica, poderia fazer dele um especialista limitado. Russell também notava que a obstinação de Wittgenstein o tornava muito impaciente com “considerações inconclusivas” e muito insistente com o grau de precisão que exigia das teorias que avaliava.

É interessante porque, numa carta, da qual um trecho é citado por Monk, Russell enaltece a habilidade de “um certo gênero de matemáticos” para a filosofia, comparando essa habilidade com a da maioria das pessoas que se dedicam a ela. Ele aponta, justamente, como problema, o amor dessas pessoas pelas generalizações, em detrimento do “raciocínio preciso”, considerado por ele muito necessário para a atividade filosófica. Fala do seu sonho de fundar uma grande escola de “índole matemática” e aponta Wittgenstein como “o seu sonho”, ao compará-lo com outros alunos nos quais havia depositado suas esperanças (Monk, 1995, p.80). O que me chamou a atenção nessas passagens foi o quanto a

atividade filosófica estava identificada com a lógica que, inclusive, foi “eleita” como a linguagem ideal. Por tudo que podemos perceber, Wittgenstein participou deste projeto e era identificado com esse modo de pensar. Tudo isso torna a sua revisão, bem mais tarde, em relação ao seu próprio pensamento, muito impressionante, principalmente, quando o vemos reconhecê-lo como equivocado. Especificamente, quanto a sua opinião desastrosa e infeliz sobre as mulheres, poderia ser considerada também um sinal da sua participação acrítica no diálogo mais amplo com a cultura daquele tempo que via as mulheres de modo desfavorável⁵⁰.

O retiro para a Noruega

A certa altura, por conta de sua dedicação incansável à lógica, Wittgenstein decidiu que precisava ficar só para progredir. Russell tentou dissuadi-lo, porém, ao ver que era inútil, tratou de tomar notas do trabalho feito até aquele momento. O próprio Wittgenstein viu sentido naquela sugestão porque estava convicto de que não viveria muitos anos a mais. Segundo Monk, Russell tinha grave suspeitas que Wittgenstein poderia enlouquecer completamente, ou mesmo cometer suicídio, estando em tal solidão. Tudo foi muito difícil porque Wittgenstein tinha muita resistência a escrever suas idéias, caso não encontrasse a forma perfeita. Por fim, aceitou falar em voz alta, enquanto um secretário fazia as anotações e Russell levantava as questões. Todo esse esforço foi acrescido por um manuscrito datilografado pelo próprio filósofo que, junto com as notas, constituíram-se nas *Notas sobre a lógica*, sua primeira obra filosófica.

Wittgenstein buscou a solidão na Noruega, em um vilarejo chamado Skjolden, à beira de um fiorde. Lá, hospedou-se com o agente de correio local e,

⁵⁰No livro *A Viena de Wittgenstein*, A. Janik e S. Toulmin, ao mostrarem as idéias culturais que marcavam aquela sociedade na virada do século XIX para o XX e apresentarem as concepções de alguns autores quanto ao que consideravam especificamente feminino, deixam entrever muitos preconceitos. Como também podemos perceber a partir de estudos mais recentes, “o pensamento de Freud nasceu na contramão das certezas estabelecidas, mas isto não impediu que, em alguns pontos que o tocavam muito de perto — como, por exemplo, na questão do que ele queria de uma mulher — ele não tivesse conseguido se afastar muito do discurso corrente de sua época” (Khel, 1998, p. 273). Assim, ainda que tenha sido sensível à mediocridade da vida cultural e/ou espiritual de suas pacientes, não foi capaz de perceber que elas eram alvo de solicitações muito contraditórias: ainda vinham sendo educadas para o papel de esposas e mães, porém, o mundo das informações, da política, da ciência e dos negócios, já não era uma referência tão distante e alcançava, em suas solicitações, até o reduto aparentemente isolado das donas de casa e das moças solteiras.

pelas notícias que dava à Russell, apreciou seu novo modo de vida. Segundo Monk, ele progrediu rapidamente no norueguês e as relações que estabelecia com as pessoas do lugar talvez o agradassem, justamente, porque diferiam do modo de vida burguês, que trazia implícito uma série de expectativas e obrigações, particularmente, desagradáveis para Wittgenstein. Ele se ressentia da natureza superficial das relações impostas por aquele tipo de vida e vivia o conflito entre a necessidade de se opor e, ao mesmo tempo, conformar-se com tudo aquilo. Ao que parece, naquele lugar sentia-se mais livre da preocupação de perturbar ou destratar as pessoas, além de poder dedicar-se a si mesmo e à lógica. Assim, aproveitava a beleza da paisagem para caminhar, descansar e refletir. Essas condições foram muito favoráveis para que reconhecesse sua produtividade e, tempos depois, lembrasse dessa época como a única em que teve pensamentos "inteiramente seus".

Assim, em pouco tempo, o jovem filósofo pôde anunciar para Russell novas e importantes idéias, porém, era visível a transformação que ocorreu na amizade dos dois. Segundo Monk, foi-se perdendo, entre eles, a intimidade que possibilitava que conversassem sobre muitos outros assuntos que não a lógica e, depois da Primeira Guerra, até mesmo a afinidade intelectual desapareceu por conta das grandes mudanças sofridas pelos dois.

Depois de um período de exaustão, Wittgenstein dedicou-se a construir uma pequena casinha, para qual planejava voltar, depois de tirar umas férias em que viajaria com seu amigo Pinsent. No entanto, por causa da guerra, só voltaria à Noruega na metade de 1921, quando pensava ter resolvido os problemas fundamentais da lógica e, por consequência, os da filosofia.

Enquanto ainda estava na Noruega, Wittgenstein ofereceu a Ludwig von Ficker, o editor do periódico *Der Brenner*⁵¹ (O Incendiário), uma quantia muito elevada para ser distribuída, a critério do editor, entre artistas austríacos que precisavam de ajuda financeira⁵².

Os dois tiveram um breve encontro em Viena e Ficker registrou em suas memórias a imagem de uma comovente solidão que lhe transmitira Wittgenstein,

⁵¹Wittgenstein leu, em *Die Fackel*, um artigo de Kraus sobre Ficker que o impressionou bem.

⁵²Entre os artistas contemplados com a ajuda financeira, figuravam como principais beneficiários Rainer Maria Rilke, George Trakl e Carl Dallago.

o que o fazia lembrar, especificamente, de uma personagem de *Os irmãos Karamazov*. Nesse encontro, o filósofo falou a Ficker um pouco sobre si mesmo: contou sobre seu trabalho com a lógica e a relação deste com Frege e Russell, da sua vida na Noruega e da convivência com os camponeses, bem como da sua intenção de para lá retornar e continuar a buscar as soluções para os impasses lógicos. Nessa ocasião, Wittgenstein também foi apresentado pelo editor a Adolf Loos, o que muito o agradou, ainda mais ao constatar as muitas similaridades entre as preocupações e atitudes de ambos. Na opinião de Monk, a oferta de Wittgenstein, para além da filantropia, foi motivada pela intenção de estabelecer um contato com a vida intelectual da Áustria. Porém, apenas uma semana depois do encontro em que ficou acertado a distribuição do dinheiro entre os artistas, teve início a Primeira Guerra Mundial.

A Primeira Guerra Mundial

Wittgenstein alistou-se no Exército, ao que parece, movido não só pelo desejo patriótico de defender seu país. Para Hermine, sua irmã mais velha, ele desejava fazer algo difícil que não estivesse envolvido, simplesmente, com o trabalho intelectual. Além disso, seu desejo, cada vez mais intenso, era o de tornar-se uma pessoa diferente. Assim, para Wittgenstein, a experiência de enfrentar a morte poderia contribuir de algum modo para torná-lo uma pessoa melhor⁵³. Segundo Monk (1995), ele esperava da guerra uma variação da experiência religiosa que transformasse totalmente a sua vida e, nesse momento, esse desejo competiu com o de resolver os problemas da lógica.

De fato, Wittgenstein foi afetado enormemente pela experiência da guerra e sua família surpreendeu-se com a mudança. Segundo seus sobrinhos e sobrinhas, o tio, de quem se lembravam como um rapaz atraente, e até um tanto esnobe, transformou-se para eles, ao voltar da guerra, numa “terrível figura de autoridade” (Chauviré, 1991, p. 39).

⁵³Wittgenstein lera o livro de William James, *Varieties of religious experience* e chegara a comentá-lo com Russell, em 1912. Para o seu autor, o homem que tivesse disposto a enfrentar a morte, heroicamente, fiel à causa por ele escolhida, seria consagrado para sempre. Em seus diários, durante a guerra, Wittgenstein deixou registrada a crença de que estava tendo a chance de se tornar “um ser humano decente” e também acreditava que a proximidade da morte poderia iluminar a vida (Monk, 1995, p.112).

Logo no início da guerra, seu trabalho consistia em controlar o funcionamento do farol de um barco capturado dos russos, o Goplana, na subida do rio Vístula. O seu diário contém passagens terríveis sobre os seus sofrimentos morais e materiais, já que teve que suportar o frio, os percheijos, o tifo, a degradação e vulgaridade dos homens com quem convivia e, também, o medo que sentia quando precisava se expor a um perigo maior para fazer algum conserto no farol do barco. O filósofo vivia um isolamento muito hostil porque estava longe de amigos como Russell, Keynes e Pinsent os quais, por conta da guerra, estavam em lado oposto ao seu. Nessa ocasião, sentindo-se abandonado, rememora sentimentos antigos como os de quando passou a frequentar a escola, o que, novamente, o fez pensar em suicídio.

Wittgenstein buscou auxílio na religião e este veio na forma de um livro que o fascinou: *O evangelho explicado* de Tolstoi. Levava-o consigo para aonde fosse e dele chegou a decorar passagens inteiras. Por esse tempo, transformou-se num evangelizador, indicando o livro a qualquer pessoa em atribulação. Segundo Monk, a força das convicções de Wittgenstein, nessa época, aparece no seu trabalho que combina lógica e misticismo religioso, ainda que tal evidência só se torne bem clara alguns anos depois. De todo modo, Wittgenstein procurava resguardar seu eu mais profundamente interior, independentemente do que acontecesse com ele externamente, como consta do seu diário, além dos constantes pedidos a Deus para ajudá-lo a não “perder a si mesmo” (Wittgenstein, segundo Monk, 1995, p. 115). Ainda no barco em que cuidava do farol, Wittgenstein retomou o seu trabalho com a lógica e conseguiu avançar⁵⁴. No meio de tantos acontecimentos e lidando com seus tristes pensamentos, conseguiu descobrir um modo de se corresponder com a Inglaterra via Suíça, o que possibilitou a retomada do contato com Pinsent e, depois, com Russell.

Depois da função de controle do farol, Wittgenstein foi transferido para uma oficina em que fazia serviço de escritório. As pessoas com quem passou a conviver eram bem consideradas por ele e isso aplacou seu isolamento, ainda que o desviasse da dedicação aos problemas filosóficos. Depois de algum tempo, foi

⁵⁴Quando seu barco voltava para a Cracóvia, em pleno território austríaco, Wittgenstein tinha a intenção de visitar o poeta George Trakl, de quem tinha recebido um bilhete, pedindo a honra de uma visita sua. Este encontrava-se internado como paciente psiquiátrico no hospital militar e Wittgenstein ficou entusiasmado com a possibilidade de conhecê-lo. Porém, o encontro não aconteceu porque Trakl se matou com uma super dosagem de cocaína. Esse fato foi um golpe no ânimo, já abalado, de Wittgenstein.

encarregado da forja da oficina o que, além de afastá-lo da lógica, o exauriu na difícil função de supervisor. Segundo Monk, Wittgenstein chegou à beira de um esgotamento nervoso por achar que não conseguiria trabalhar de novo. Nessa ocasião, para interromper aquela situação, fez insistentes pedidos para ser enviado à frente de batalha. Como não foi atendido, seu trabalho com a lógica prosseguiu alternando momentos de maior e menor produtividade, enquanto mantinha correspondência com seus amigos e sua oficina era transferida de lugar.

A correspondência com Pinsent e Russell foi interrompida nos dois últimos anos da guerra, justamente, os anos em que o trabalho de Wittgenstein sofreu sua transformação final e mais importante. Isso pode explicar as suas dúvidas quanto ao entendimento que seus amigos poderiam alcançar em relação a ele.

No começo de 1916, Wittgenstein foi designado para a frente de batalha como soldado comum e, embora isso fosse a concretização de um desejo formulado por ele anteriormente, foi um momento difícil em que manifestou a certeza de que, caso voltasse vivo da experiência, não retornaria o mesmo homem (Monk, 1995, p. 133).

Enquanto aguardava o avanço de seu regimento para a frente de batalha, Wittgenstein procurou estar psicológica e espiritualmente preparado para morrer: pedia que Deus iluminasse a sua alma e instruía a si mesmo para fazer o melhor que pudesse sem perder a serenidade. Quando o momento chegou, seu pedido foi para que o designassem para o lugar mais perigoso, o posto de observação, em que seria, sem dúvida, o alvo do fogo inimigo. Por esse tempo, rezava com fervor para enfrentar o medo e a morte com dignidade e acreditava que essa condição o aproximava de uma experiência de iluminação. Conforme relata Monk, Wittgenstein precisava, também, de uma força superior para enfrentar a convivência com os colegas. Em sua opinião, quase toda a tropa o odiava por ser um voluntário e isso era insuportável para ele. O fato de se achar cercado de pessoas “perversas” e “insensíveis”, bem como o seu esforço para não odiá-las, era um teste a mais para sua fé. Assim, precisou de muito empenho para substituir seu sentimento de horror pelo de compreensão.

Imerso em tais circunstâncias, Wittgenstein pouco conseguiu escrever sobre a lógica, porém, foi nessa ocasião que seu trabalho apresentou uma

transformação: a ética, juntamente com a lógica aparecem como deveres fundamentais para consigo mesmo, bem como para a reflexão filosófica.

Em seu diário, Wittgenstein registra o seu terror ao sentir a proximidade dos tiros e a consciência do seu “enorme desejo de viver” (Monk, 1995, p. 141). Porém, se recrimina por achar difícil abrir mão da vida e pede a Deus que o ajude na luta contra a fraqueza de sua natureza.

Na verdade, a coragem de Wittgenstein foi notável por todo esse período e, por seu comportamento, foi indicado para receber condecorações. Foi também promovido e enviado à Morávia para receber treinamento de oficial. Antes disso, esteve de licença em Viena e, por intermédio de Loos, recebeu o nome de Paul Engelmann⁵⁵, como um contato que poderia fazer na Morávia. Graças a ele e ao seu grupo, Wittgenstein, depois de seis meses na frente de batalha, conseguiu viver um tempo feliz, em que pôde trocar idéias sobre literatura, música e religião e até assistir a recitais de piano e a representações teatrais. Particularmente, com Engelmann, sua amizade se estreitou por conta das longas conversas diárias em que discutiam sobre as novas idéias que vinham lhe ocorrendo em função das recentes experiências com a guerra. Em Engelmann, Wittgenstein encontrou um interlocutor que o ajudava a expressar o seu pensamento o que, além do mais, trazia a reconfortante sensação de que estava sendo compreendido em suas reflexões.

Depois do Natal em que passou em Viena, Wittgenstein foi enviado como oficial de artilharia do exército austríaco a uma nova região. Por esse tempo, manteve correspondência com Engelmann e Frege e foi mais uma vez promovido. Já em março de 1918, escreveu a este último para comunicar que o seu livro estava quase concluído, reconhecendo o quanto a sua obra devia aos estudos do lógico, a esta altura, bem idoso. Como se sabe, no prefácio da versão definitiva do *Tractatus*, Wittgenstein, depois de descartar qualquer pretensão de originalidade, diz: “desejo apenas mencionar que devo às obras grandiosas de Frege e aos trabalhos de meu amigo Bertrand Russell uma boa parte do estímulo às minhas idéias” (Wittgenstein, [1918], 2001, p. 131).

⁵⁵Paul Engelmann era membro de um grupo eclético de jovens intelectuais. Segundo Monk, Engelmann era discípulo de Adolf Loos e de Karl Kraus. Ao ser dispensado do exército, dedicou-se a ajudar Kraus em sua campanha contra a guerra.

Em maio, Wittgenstein é convencido por um tio, com quem se encontra, por acaso, numa estação de trem, a ir para sua casa. Foi um encontro providencial que o ajudou muitíssimo no momento bastante triste em que havia recebido, pela mãe de Pinsent, a notícia de sua morte ocorrida num desastre de avião. Wittgenstein dedica a ele o livro que, por fim, concluiu. Numa carta carinhosa à mãe de Pinsent, ele comenta sobre o interesse do amigo em relação ao seu trabalho e o quanto ele era responsável pela maior parte das alegrias que o tinham ajudado a trabalhar.

Com a conclusão do trabalho em Hallein, na casa do tio, em agosto de 1918, Wittgenstein considerava que tinha resolvido os problemas da filosofia, como escreve a Russell, já em 1919, com a consciência de que isso poderia parecer arrogante. Porém, ele também acreditava que a “obra de sua vida”, ao resolver certos problemas, deixava outros, infinitamente mais importantes, de fora, pois, sobre eles, nada se poderia dizer. Surge, assim, como questão central do trabalho, a distinção entre *dizer* e *mostrar* o que nos autoriza a pensar que, para Wittgenstein, suas implicações éticas eram tão ou mais importantes que as implicações para a teoria lógica. Ao mesmo tempo que logo o envia para publicação, escreve para Frege oferecendo-lhe uma cópia. Pouco tempo depois, quando Engelmann lê o livro pela primeira vez, fala do seu prazer à medida que vai crescendo em compreensão com a leitura. Para ele, na sua mensagem central, o livro se identifica com a campanha de Kraus para preservar a pureza da linguagem. Porém, Jahoda, o editor de Kraus, para quem Wittgenstein tinha enviado o trabalho, nega a possibilidade de publicá-lo, alegando motivos técnicos. A partir daí, Wittgenstein passou por muitas decepções até que o livro fosse publicado. Ele voltou à Itália, onde foi capturado e levado para um campo de prisioneiros de guerra. No tempo em que lá esteve, até o fim da guerra, em agosto de 1919, tentou um contato com Russell, no qual manifesta o seu desejo de discutir o trabalho com ele antes da publicação. Numa carta, explica ao antigo professor que este, para entender o livro, precisaria de uma explicação prévia, pois ele estava escrito na forma de observações bastante curtas. Nessa mesma carta, Wittgenstein declara que, a seu ver, ninguém compreenderia o livro, embora, para ele, estivesse perfeitamente claro. Mesmo assim, tinha confiança na sua publicação e não estava preparado para lidar com tantas recusas.

Os comentários e questionamentos feitos por Frege e Russell em relação ao trabalho tornavam cada vez mais evidente, para ele, que as questões fundamentais da obra não foram alcançadas pelos dois. Quando lemos os detalhes da história contada por Monk (1995), percebemos que todo o esforço de Wittgenstein em prol da publicação, como por exemplo, suas cartas de apresentação aos possíveis editores, mais os assustavam do que procuravam convencê-los quanto a validade da publicação. O filósofo tinha total consciência de que os editores não podiam compreender o que estava em suas mãos. Até mesmo Ficker sugeriu que o livro fosse mostrado a um professor de filosofia, o que, para Wittgenstein, seria como “lançar pérolas aos porcos”, ainda que não o tenha proibido de fazer isso.

Tudo isso abalou demais o seu ânimo que, além do mais, no fim da guerra, ao voltar para casa, achou que não poderia sacrificar suas conquistas pessoais no enfrentamento das adversidades, buscando refúgio na situação privilegiada de conforto e segurança que sua família poderia, com muito gosto, a ele proporcionar⁵⁶. Assim, um mês depois de sua volta, renunciou a todo o seu patrimônio, redistribuindo-o pelos irmãos. Sua família, embora espantada e preocupada, não conseguiu demovê-lo dessa idéia.

Por esse tempo de grande sofrimento pessoal, Wittgenstein menciona novamente a idéia de suicídio na sua correspondência com Engelmann, que além de compreendê-lo, tenta confortá-lo. Como bem registra Monk, ele, como outros veteranos de guerra, encontrou muitas dificuldades para se adaptar às condições de paz. O império austro-húngaro já não existia e a própria Áustria tentava se adaptar à sua nova realidade de pequena e empobrecida república.

Wittgenstein, que havia sido soldado por cinco anos, continuou usando uniforme por muitos anos após a guerra e, para Monk, tal coisa poderia simbolizar, para além do fato de que isso tivesse se incorporado à sua personalidade, o sentimento de que pertencia a uma época passada, já que o uniforme era o de uma força que não existia mais.

Em meio a uma verdadeira crise existencial, o filósofo, que tinha pensado em ser padre, dá adiante na idéia de estudar para ser professor primário, uma

⁵⁶Segundo Monk, graças à perspicácia com os negócios, o pai de Wittgenstein protegeu a fortuna da família convertendo-a em títulos norte-americanos, antes da guerra, o que fez com que, depois dela, seu filho fosse um dos homens mais ricos da Europa.

decisão que tinha tomado na companhia de alguns novos amigos quando ainda era prisioneiro. Assim, assiste às aulas de um curso de preparação para o magistério e a convivência com alunos bem mais jovens é suportada por ele que, ora encara a situação como engraçada, ora como muito desagradável e humilhante. Com essa decisão, além de iniciar uma nova carreira, mostra a sua intenção de romper os laços com o ambiente familiar, chegando, mesmo, a mudar de casa. Por esse tempo, além de um encontro com Russell em que discutem exaustivamente o seu trabalho, ele continua relatando ao antigo mestre, por cartas, todos os obstáculos que contrariam seu desejo de publicá-lo. Russell, que tinha ficado muito impressionado com a teoria lógica exposta no livro, mas não concordava com a obra na sua totalidade, se dispõe a ajudar fazendo uma introdução. Toda a animação de Wittgenstein, por conta dessa ajuda valiosa, foi embora ao receber a introdução escrita por Russell. Ele não estava de acordo com o que este escrevera para apresentar o trabalho e dá isso a conhecer ao antigo professor. Russell acata a apreciação de Wittgenstein, mas pede permissão para tentar publicar o livro na Inglaterra, porque, à esta altura, Wittgenstein tinha desistido. Numa carta, comenta com Russel que se o livro tivesse mesmo valor, não importava que fosse publicado vinte ou cem anos mais cedo ou mais tarde. Caso não fosse de valor, ele mesmo preferia que não fosse publicado. Mas esta compreensão não o impediu de cair em depressão depois da série de recusas.

Quando, enfim, Wittgenstein recebeu de Russell, em 1921, a notícia de que o *Tractatus* seria publicado em alemão, no periódico *Annalen der Naturphilosophie*, já estava no povoado de Trattenbach como professor primário. Quando, no entanto, teve acesso à impressão, cheia de erros, ficou horrorizado. Em 1922, um editor inglês, compreendendo o alcance do livro, encarregou-se da tradução em edição bilíngüe. O próprio Russell deu início aos preparativos para a edição inglesa junto ao editor e o livro foi traduzido do alemão por Frank Ramsey, um aluno do King's College que, com apenas dezoito anos, já era reconhecido como um matemático de futuro. Desta vez, a partir da tradução enviada por Ramsey, juntamente com um questionário, Wittgenstein pôde corrigir os erros da edição alemã, incluindo uma lista minuciosa de comentários e sugestões.

Ainda em 1920, quando Wittgenstein terminou seu curso de professor, estava apreensivo e já tinha pensado até em abandoná-lo por conta das dificuldades de relacionamento com os colegas. Nessa ocasião, recebeu o apoio de

um amigo que fizera no campo de prisioneiros, o professor Hänsel que, ao perceber a grande sensibilidade de Wittgenstein, constata que ela o deixava sem defesa no contato com os outros. Por outro lado, como é próprio da complexidade da experiência subjetiva, essa mesma sensibilidade dava a ele condições de exercer seu espírito crítico com independência, ainda que isso em nada facilitasse a sua vida. É interessante seguir os comentários de Monk que, ao falar do curso feito por Wittgenstein, o enquadra no espírito da reforma de ensino que visava reformular a educação na nova república austríaca. Com esse pano de fundo, Monk procura analisar as convicções de Wittgenstein no diálogo com as idéias de seu tempo. Segundo ele, a moral fundamentalmente religiosa de Wittgenstein o fazia rejeitar, firmemente, os ideais do movimento secular que animava os ideais republicanos e socialistas que inspiravam a reforma. Porém, apesar de não partilhar da confiança nas transformações sociais e políticas desses ideais, também tinha antipatia pelo sistema católico, suas convenções e alguns de seus princípios. Por isso, a sua posição é vista como ambivalente, principalmente, se considerarmos o mundo politicamente turbulento e cada vez mais polarizado dos anos vinte. Na verdade, Wittgenstein cultivou um distanciamento, uma independência de pensamento, que estendeu até o limite do quanto isso é possível e que sempre marcou sua reflexão.

A experiência como professor primário

Segundo Monk, o filósofo partiu para a sua função de professor primário imbuído de concepções idealistas, quanto ao que seria o seu trabalho entre camponeses pobres e estas guiavam as suas intenções. No contato com os alunos, Wittgenstein deu mostras de acreditar no valor do trabalho intelectual em si, independentemente de seu valor como instrumento para buscar uma “vida melhor”. Ele procurava desenvolvê-los ensinando-lhes matemática, bem como os clássicos da língua alemã, sem descuidar de aperfeiçoá-los interiormente com a prática de leituras da Bíblia. Sob certos aspectos, Wittgenstein mostrou um genuíno espírito de professor pois, como atesta sua irmã Hermine, ele, além de se interessar por tudo, sabia escolher os aspectos importantes de qualquer assunto, além de torná-los claro para os outros. É interessante também ressaltar que, nas aulas, os alunos eram incentivados a perguntar como meio de encontrar a solução

correta e, dentre os recursos que usava para isso, sugeria a invenção de uma máquina, o projeto de uma construção no quadro de giz, o desenho de pessoas em movimento... No livro *Philosophical Grammar*, o próprio Wittgenstein comenta:

“Um matemático está fadado a se escandalizar com as minhas observações matemáticas, já que ele sempre foi treinado para não alimentar pensamentos e dúvidas do tipo que eu desenvolvo. Ele aprendeu a enxergá-las como alguma coisa desprezível e, para usar uma analogia da psicanálise (este parágrafo faz lembrar Freud) ele adquiriu uma repulsa em relação a elas como ao que é infantil. Isso significa que eu mostro os problemas que uma criança que está aprendendo aritmética etc. acha difíceis, os problemas que a educação reprime sem resolver. Eu digo para aquelas dúvidas reprimidas: vocês estão muito certos, continuem perguntando, exijam clarificação!”⁵⁷ (Wittgenstein, 1978, p. 381-382).

Por seis anos, de 1920 a 1926, Wittgenstein viveu sua experiência de professor primário em três vilarejos nas montanhas da Áustria⁵⁸. Apesar do zelo com que se dedicou à tarefa, seu isolamento era grande: na tentativa de ampliar os horizontes das crianças, tinha que enfrentar a hostilidade dos pais e colegas de trabalho. Na verdade, suas expectativas elevadas e os meios severos que empregava no relacionamento com os alunos deixavam todos perplexos e assustados, exceto uma minoria deles. Wittgenstein foi se desencantando progressivamente da sua experiência e, ao receber uma visita de Ramsey, em 1923, começou a considerar seriamente a possibilidade de voltar para Cambridge.

O próprio Ramsey⁵⁹ se entusiasmou com a idéia pois, apesar de ficar impressionado com a pobreza em que o filósofo vivia, também o surpreendeu a sua jovialidade, principalmente quando explicava a sua filosofia, mostrando, desse modo, a sua genialidade. Assim, Ramsey empenhou-se para persuadi-lo a visitar a

⁵⁷A mathematician is bound to be horrified by my mathematical comments, since he has always been trained to avoid indulging in thoughts and doubts of the kind I develop. He has learned to regard them as something contemptible and, to use an analogy from psycho-analysis (this paragraph is reminiscent of Freud) he has acquired a revulsion from them as infantile. That is to say, I trot out all the problems that a child learning arithmetic etc., finds difficult, the problems that education represses without solving. I say to those repressed doubts: you are quite correct, go on asking, demand clarification!

⁵⁸Quando estava em Otterthal, um dos povoados onde ensinou, Wittgenstein acabou por prestar uma contribuição que, afinal, mostrava-se de acordo com os princípios da reforma educacional austríaca. A partir da sua experiência no contato com as crianças, constatou a necessidade de haver um dicionário de ortografia à disposição delas. Por causa do preço, fez com que os alunos criassem seus próprios dicionários. Depois, conseguiu sem problemas a publicação do seu dicionário, o *Wörterbuch*, já que as autoridades estavam de acordo em relação à sua utilidade.

⁵⁹Segundo Monk (1995), Ramsey, que era apenas um aluno de graduação, ainda aos dezenove anos, foi convidado a resenhar o *Tractatus* para um periódico de filosofia. Na sua opinião, quando o livro foi estudado em Cambridge no ano de sua publicação, Ramsey manifestou o entendimento mais confiável em relação a ele.

Inglaterra com a ajuda financeira de Keynes. Porém, Wittgenstein tinha muitas apreensões em relação a voltar e retomar seus contatos e amizades. Depois de uma visita bem sucedida àquele país, em 1925, Wittgenstein volta à Áustria, mas encerra sua carreira como professor primário, de maneira súbita, como resultado de um episódio infeliz em que castiga fisicamente um aluno. Isso precipita seu pedido de demissão e o deixa arrasado. Tal estado o torna incapaz de dar adiante nas providências para voltar a Cambridge, fazendo-o optar por um período de reclusão em que se empregou como jardineiro de monges hospedeiros nos arredores de Viena, permanecendo acampado por três meses no galpão de ferramentas do jardim⁶⁰. A jardinagem serviu de terapia e o refez para voltar à vida social em Viena.

O retorno à Viena

Com retorno a Viena, em 1926, no ano da morte de sua mãe, Wittgenstein se reaproximou da família, depois de um afastamento que ocorrera desde o falecimento do pai em 1913. Segundo Monk, a partir daí, seu convívio com a família sofreu uma grande mudança: já não era motivo de tormento para ele como no passado, em que se via fazendo concessões e temendo comprometer a sua integridade.

Wittgenstein foi convidado por sua irmã Gretl e o amigo Paul Engelmann para se associar a ele⁶¹ no projeto de construir uma nova casa para ela. Seu interesse foi despertado pelo convite e esta tarefa o obrigava a trabalhar com outras pessoas, forçando-o a reintegrar-se socialmente.

Para Leitner (2004), Wittgenstein, mais do que para sua irmã, construiu a casa para si: não para possuí-la e, sim, para confrontar-se consigo mesmo numa busca dentro do domínio estético. Assim, tratava-se de uma outra maneira de colocar questões e encontrar respostas no domínio das experiências sensíveis, ou seja, de adquirir um saber diferente do viés da lógica, mais ligado ao ato de construir por meio da criação artística. Como bem lembra Leitner (2004), Wittgenstein não tinha participado do debate ideológico, nem tampouco do

⁶⁰Depois da demissão, chegou a procurar um monastério com a idéia de se tornar monge, o que a ele ocorreu em diversas situações da vida, particularmente aquelas em que mergulhava em desespero.

⁶¹Engelmann era aluno de Adof Loos.

estético em relação ao modernismo e manifestava sua desconfiança, diante da consideração de progresso, tanto no domínio da arquitetura, como no domínio da música. Na verdade, ele avalia a manifestação artística dentro do espírito da cultura na qual ela se manifesta, pelo que vemos no esboço de um prefácio que escreve em 1930:

“Este livro é escrito para aqueles que simpatizam com o espírito no qual ele é escrito. Não é, eu acredito, o espírito da principal corrente da civilização européia e americana. O espírito dessa civilização se manifesta na indústria, arquitetura e música do nosso tempo, em seu fascismo e socialismo, e é estranho e incompatível com esse autor. Não é um julgamento de valor. Não é, é verdade, como se ele aceitasse o que, hoje em dia, passa por arquitetura como arquitetura, ou não se aproximasse do que é chamado música moderna com a maior suspeição (embora sem entender sua linguagem), mas ainda assim, o desaparecimento das artes não justifica julgar depreciativamente os seres humanos que compõem essa civilização. [...] Eu percebo então que o desaparecimento de uma cultura não significa o desaparecimento do valor humano, mas simplesmente de certos meios de expressar esse valor, embora permaneça o fato de que eu não tenho simpatia pelo curso da civilização européia e não entendo seus objetivos, se é que ela os tem. Então eu estou realmente escrevendo para amigos que estão espalhados pelos cantos do mundo”⁶² (Wittgenstein, 1984, p. 6).

Por dois anos, de 1926 a 1928, Wittgenstein se ocupou do projeto de construção da casa de sua irmã. Para Leitner (2004), esta confrontação intensa com a arquitetura e os problemas que ela apresenta foram, para Wittgenstein, o meio de fazer uma experiência consigo mesmo, de natureza artística que o conduziram a novas interrogações no seu trabalho filosófico. Segundo Monk, a casa, que apresentava uma total falta de ornamentos externos, tem uma aparência severa, amenizada, justamente, pelas projeções graciosas e execução requintada dos adereços projetados e desenhados por Wittgenstein. Assim, ele, que desenhou janelas, portas, fechaduras e travas para janelas e radiadores, supervisionou a confecção de tudo com uma exatidão quase fanática, calçado em seus

⁶²This book is written for those who are in sympathy with the spirit in which it is written. This is not, I believe, the spirit of the main current of European and American civilization. The spirit of this civilization makes itself manifest in the industry, architecture and music of our time, in its fascism and socialism, and it is alien and uncongenial to the author. This is not a value judgment. It is not, it is true, as though he accept what nowadays passes for architecture as architecture or did not approach what is called modern music with the greatest suspicion (though without understanding its language), but still, the disappearance of the arts does not justify judging disparagingly the human beings who make up this civilization. [...] I realize then that the disappearance of a culture does not signify the disappearance of a human value, but simply of certain means of expressing this value, yet the fact remains that I have no sympathy for the current of European civilization and do not understand its goals, if it has any. So I am really writing for friends who are scattered throughout the corners of the globe.

conhecimentos como engenheiro. Seu trabalho vai além de uma realização convencional, adaptada aos materiais utilizados e suas soluções, aparentemente simples, só se concretizaram mediante um enorme esforço. Na verdade, a precisão milimétrica exigida por ele na utilização do metal, não era muito possível com os meios disponíveis naquela época.⁶³

Leitner comenta que existem poucas ligações entre a arquitetura de Wittgenstein e a moderna pois, na concepção de Wittgenstein, a simplicidade não é funcionalista, a ausência de ornamento não é uma expressão de modéstia e a redução não é sinônimo de simplicidade. A forma, reduzida ao mínimo, se transforma numa forma complexa. Com tudo isso, o filósofo acaba por criar algo radicalmente novo a partir da tradição.

Com o trabalho de arquiteto, Wittgenstein se reintegrou à sociedade de Viena e, aos poucos, voltou à atividade filosófica. Também por esse tempo, por intermédio de seu sobrinho, conhece uma moça suíça chamada Marguerite Respinger e com ela inicia uma relação amorosa que duraria até 1931. Nesta mesma época, ela foi o modelo de um busto esculpido por Wittgenstein, e segundo Monk, com ele, Wittgenstein não estava interessado em retratar a moça ou captar sua expressão, mas, sim, dar forma a algo que desejava criar a partir de sua imaginação, embora não visse nele a expressão de uma grande arte.

É interessante, também, o comentário de Wittgenstein sobre o seu trabalho na construção da casa de Gretl, recolhido por Monk (1995): ele o reconhece como “produto de um ouvido decididamente sensível e de *boas* maneiras, a expressão de um grande “*entendimento*” de uma cultura, porém a vida selvagem, “*primordial*”, que tentaria se manifestar, irromper, está faltando na obra. Para ele, em toda obra de arte existe um animal selvagem domado, o que não via acontecer na realização do seu trabalho. Mesmo a sua extrema sensibilidade para a música se mostrou, principalmente, no grande entendimento que possuía, como por exemplo, ao tocar com alguém, como era freqüente nessa temporada em Viena. Seu interesse era interpretar a música corretamente e, assim, o seu ouvido, muito sensível, impunha ao seus parceiros uma precisão extraordinária na expressão. Assim, pode-se dizer que, mesmo levando em conta o interesse e a sensibilidade

⁶³Wittgenstein parece ter ficado satisfeito com o resultado do trabalho e soube reconhecer o empenho dos executores para concretizá-lo. Numa carta de Margarete a seu filho, ela conta que deu uma pequena festa, por iniciativa de Wittgenstein, em homenagem à empresa de construção e de seus operários, quando a obra estava, praticamente, no fim (Prokop, 2004).

de Wittgenstein pelas artes, sua criatividade se manifestou na filosofia, como já havia visto, há muito tempo, Russell, ao mencionar a expressão de uma genialidade, ou, na expressão do próprio Wittgenstein, “uma vida selvagem que busca irromper para fora” (Wittgenstein, segundo Monk, 1995, p.223).

Como um genuíno filósofo, Wittgenstein mostrava seu compromisso com o seu campo de interesse, abrindo-se para o diálogo com as idéias de seu tempo, conforme vemos em muitas passagens do livro de Monk (1995). Particularmente, um fato pouco importante em sua vida mostra-se interessante, no que diz respeito a esse compromisso: quando ainda estava em Viena, o filósofo teve oportunidade de assistir a uma palestra intitulada “Matemática, ciência e linguagem” proferida por Brouwer, um matemático holandês. Wittgenstein o conhecia porque fora mencionado na monografia de Ramsey. Este tinha procurado, por meio da obra de Wittgenstein em lógica, o *Tractatus*, restaurar a credibilidade da abordagem logicista de Frege e Russell dos fundamentos da matemática, cortando definitivamente a alternativa mais radical, proposta pela escola intuicionista liderada por Brouwer. Porém, Wittgenstein se entusiasmou com a palestra, de acordo com alguns depoimentos de colegas que o acompanharam. Mas o que é interessante é que, segundo Monk, a empolgação do filósofo decorreu, tanto de haver concordado, como de haver discordado das idéias de Brouwer. Ao que tudo indica, ele parece ter encontrado um material estimulante para a reflexão que se desdobrou pelos anos subseqüentes, e, talvez, tenha chegado a perceber ali que o seu trabalho não era a “palavra final” em filosofia, pois o que ouvira na palestra de Brouwer contradizia, inclusive, algumas das proposições do *Tractatus*. Nessa ocasião, Wittgenstein, ao perceber a defesa de Ramsey para aplacar sua perturbação com o que trazia Brouwer, o qualifica de pensador burguês, ou seja, critica-o por raciocinar sem querer colocar em risco os pressupostos colocados pela comunidade de idéias a qual estava ligado. Wittgenstein não achava isso correto: para ele “o filósofo não é cidadão de nenhuma comunidade de idéias⁶⁴”, e é precisamente isso que faz dele um filósofo. E assim, o livro de Monk (1995), que consegue reunir em detalhes muitos fatos da vida de Wittgenstein, possibilita que vejamos a singularidade da reflexão do filósofo, por quem a filosofia foi sempre exercida com paixão. Como podemos ver, sua maneira de pensar, bem

⁶⁴Por “comunidade de idéias”, pode-se entender que esta seja formada por grupos de pessoas a partir de determinadas crenças que possuem em comum.

como a coerência que mostrou em seu modo de viver, se expressam na sua filosofia, inclusive, quando o seu pensamento filosófico, aliado a uma tradição, adquire uma outra compreensão e muda de rumo.

De volta a Cambridge

Como pode ser visto, na temporada em que passou em Viena, Wittgenstein foi se atraindo pela idéia de trabalhar novamente com filosofia e acaba por entrar em contato com Keynes para anunciar, primeiramente, uma visita.

Logo ao chegar, Wittgenstein anuncia que sua permanência é definitiva, mas isso não significava que estava encarando sua volta com tranqüilidade. Pelo contrário, estava apreensivo por achar que a universidade parecia, basicamente, a mesma, enquanto que ele reconhecia em si mesmo uma grande transformação. Assim, foi com grande inquietação que o filósofo se preparou para encontrar com algumas pessoas que conheceu anos atrás. Àquela altura, o *Tractatus* já fazia parte da discussão dos meios intelectuais muito seletos, de modo que Wittgenstein foi recebido com deferência e expectativa. Porém, ainda que tivesse o caminho aberto por Keynes para participar desses grupos formados por uma elite intelectual, o filósofo não pareceu valorizar muito esses encontros, pelas poucas vezes que os freqüentou.

Wittgenstein manteve um relacionamento estreito com Ramsey que, embora pertencesse a um desses grupos, foi um interlocutor respeitado e com o qual mantinha um vínculo de amizade. Ao se reunirem muitas vezes por semana para discutir, Wittgenstein ficou agradecido pela ajuda de Ramsey que, ao exercer o papel de apresentar objeções às suas idéias, o fazia enxergar os possíveis equívocos da sua própria reflexão⁶⁵. No entanto, fazia ressalvas às objeções de Ramsey, no sentido de que elas, na maioria das vezes, eram superficiais, não eram eficazes a ponto de cortar a argumentação, ou seja, eram contornáveis. Talvez, Wittgenstein tenha percebido isso, ao compará-las com as discussões que tinha com Piero Sraffa, um brilhante economista italiano. Este tinha sido convidado por Keynes a lecionar no King's College, depois que tivera problemas na Itália por

⁶⁵Wittgenstein reconhece, no prefácio que faz para as *Investigações filosóficas*, o valor das críticas de Ramsey para o seu próprio trabalho. Também registra em seu diário o prazer que sentia ao caminhar pelas campos da ciência acompanhado.

conta de, numa publicação, ter feito um ataque às políticas de Mussolini. O próprio Keynes os apresentou e logo surgiu entre os dois uma forte amizade. Os dois se encontravam, pelo menos uma vez por semana, para discutir, ainda que as posturas intelectuais de ambos fossem diferentes.

Sraffa⁶⁶ tinha fortes convicções marxistas e era amigo íntimo de Gramsci, o líder comunista que havia sido preso. Mesmo não sendo matemático nem filósofo, suas críticas a algumas idéias do *Tractatus*, longe de se dirigirem a detalhes, punham em questão toda uma perspectiva. Elas repercutiam fundo em Wittgenstein e este, fiel ao seu compromisso com a honestidade intelectual, se via obrigado a examinar as coisas de outros ângulos. Segundo Monk, Wittgenstein contava aos amigos que as discussões com Sraffa o faziam sentir como uma árvore à qual todos os galhos tinham sido cortados. Porém, se os galhos estão mortos, o corte possibilita que outros, novos e mais fortes, possam nascer. O filósofo reconheceu que a coisa mais importante que ganhara em suas conversas com Sraffa tinha sido um modo antropológico de ver as coisas e, no prefácio das *Investigações filosóficas*, ele se refere às críticas de Sraffa como um estímulo ao qual devia as idéias mais fecundas daquela obra. Desse modo, a abordagem antropológica estava ligada à visão de linguagem do *Tractatus* em comparação com a da obra madura de Wittgenstein: enquanto no *Tractatus* a linguagem é analisada fora das circunstâncias concretas em que é usada no contexto da vida, nas *Investigações filosóficas* a ênfase está em afirmar que o significado dos enunciados lingüísticos é conferido pelo uso no contexto das práticas sociais.

Na verdade, o retorno de Wittgenstein a Cambridge mostrou o filósofo disposto a reconsiderar todas as conclusões a que chegara em suas reflexões filosóficas. Nesse sentido, não se mostrava fixado a um modelo e apresentava a flexibilidade mental que era característica da juventude. Talvez ele tenha cultivado esta postura como necessária já que, segundo Monk, chegara a comentar com um aluno que “a mente enrijece muito antes que o corpo” (Wittgenstein,

⁶⁶Os encontros entre Wittgenstein e Sraffa duraram, regularmente, de 1929 a 1946. Wittgenstein se mostrava igualmente atento às análises e julgamentos políticos de Sraffa e chegou a pedir-lhe conselhos quando ficou ansioso para ajudar seus familiares, que viviam em Viena, na época em que a Áustria foi anexada pela Alemanha em 1938. Nessa ocasião, o filósofo seguiu à risca as orientações de Sraffa, que desaconselhou sua ida à Viena antes de pleitear um cargo acadêmico em Cambridge, para, em seguida solicitar a cidadania britânica. Segundo Para (2004), mesmo tendo recebido inúmeras solicitações depois da morte de Wittgenstein, Sraffa sempre recusou a escrever o menor artigo ou ensaio a respeito da excepcional relação intelectual que houve entre ele e Wittgenstein.

segundo Monk, 1995, p.241). Segundo depoimentos de amigos que conviveram com Wittgenstein, nessa época, ele mostrava preferência em discutir com jovens e, nessas discussões, instigá-los a abrir novos caminhos de pensamento.

Por um lado, seus temores quanto ao regresso se mostraram infundados, tendo conseguido estabelecer um círculo relativamente amplo de amizades. Por outro, continuou se sentindo um estrangeiro em Cambridge, pois dadas as diferenças lingüísticas e culturais, nunca conseguia ter a certeza de estar sendo entendido em suas interlocuções. Por esse tempo, aceitou constrangido a ajuda financeira de Keynes, que tratou de tranquilizá-lo para recebê-la e prosseguir com o seu trabalho, aconselhando-o, depois, a solicitar uma bolsa de pesquisa do Trinity College. Nessa ocasião, Wittgenstein, além de receber a bolsa com alguma dificuldade, obteve, também, o título de doutor por sua tese, o *Tractatus*, que já era considerado por algumas pessoas um clássico da filosofia.

No final de 1929, Wittgenstein aceitou o convite do editor do *Tractatus* para apresentar um trabalho aos “Hereges”, uma sociedade menos elitista e mais voltada para a ciência. Segundo Monk, ao aceitar, o filósofo pretendeu aproveitar a oportunidade para tentar esclarecer o equívoco de se entender o *Tractatus* como uma obra escrita no espírito positivista e antimetafísico. Assim, nesta conferência, reconhecida a única “popular” que Wittgenstein daria na vida, ele optou por falar de ética.

Por esse tempo, em conversas com Schlick, Waismann e outros membros do Círculo, começou a falar dos equívocos que cometera no *Tractatus*, introduzindo suas explicações a partir de suas crenças anteriores, com as sentenças: “eu costumava acreditar”... “o que havia errado em minha concepção”... (Wittgenstein, segundo Monk, 1995, p.261) Talvez, por isso, mais tarde, Wittgenstein tenha manifestado o desejo de que as *Investigações filosóficas* fossem publicadas em conjunto com o *Tractatus*, o que também aponta para a naturalidade com que ele se abriu para novas compreensões acerca de seu trabalho com filosofia.

No começo de 1930, o filósofo começou a dar as aulas que deixaram uma forte impressão naqueles que as assistiram⁶⁷. Nelas, havia estudantes de

⁶⁷Por esse tempo, Wittgenstein recebeu como aluno Francis Skinner, um estudante de graduação de matemática, que logo se tornaria a pessoa mais importante na sua vida: foi seu companheiro constante, seu confidente e o colaborador mais estimado no campo filosófico. (Monk, 1995, p.300)

graduação, e também professores, que se depararam com uma modalidade de aula completamente diferente da de qualquer professor universitário: Wittgenstein não trazia anotações e, por vezes, ficava em pé, diante dos alunos que o assistiam a pensar. Sua maneira de falar, bem como sua presença forte e apaixonada, capturavam o interesse de seus alunos e estes faziam numerosas anotações. Às vezes, pedia licença para pensar e sentava por alguns minutos, fixando o olhar na palma da mão. Também, segundo Monk, era possível que a aula começasse com a pergunta corajosa de alguém e, com frequência, Wittgenstein manifestava sua dificuldade para elaborar certas questões, impacientando-se com a sua própria “estupidez”. O estilo de Wittgenstein chegou a ser descrito numa poesia, cujo título era *O poeta desgarrado*. Monk comenta a pertinência do título por perceber que, não só nas aulas, mas, também, no que escrevia, Wittgenstein, curiosamente, mostrava um estilo discrepante com o conteúdo com o qual trabalhava, como se, de algum modo, um poeta houvesse se desgarrado. O próprio filósofo, certa vez, resumiu sua postura para com a filosofia, ao dizer que ela devia ser escrita como uma composição poética.

A fase de transição da filosofia de Wittgenstein chega ao fim quando este começa a acreditar que, ao invés de ensinar doutrinas ou desenvolver teorias, o filósofo deveria demonstrar uma técnica, um método para se chegar à clareza. Porém, a nova compreensão de Wittgenstein o coloca na situação de tentar explicá-la mas, na sua concepção, o entendimento se daria para aqueles que pudessem ver a explicação na própria obra, pois quem não a entendesse, também não entenderia suas explicações. Assim, em um prefácio de 1930, ele escreve:

“O perigo de um longo prefácio é que o espírito de um livro tem que estar evidente nele mesmo e não pode ser descrito. Por que se um livro foi escrito para poucos leitores, estará claro, justamente, pelo fato de que apenas poucos o entendem. O livro deve, automaticamente, separar quem o entende daqueles que não. Mesmo um prefácio é escrito para aqueles que entendem o livro.

Dizer para alguém algo que esta pessoa não entende é inútil, mesmo quando é dito que ela não é capaz de entender (com frequência, isso costuma acontecer com quem se ama).

Se você tem um cômodo que não quer que certas pessoas entrem, ponha uma fechadura nele para a qual não devem ter a chave. Mas não há sentido em falar para elas sobre isso, a menos, é claro, que você as queira admirando o cômodo do lado de fora!

A coisa digna a ser feita é pôr uma fechadura na porta que será percebida somente pelas pessoas que podem abri-la, não pelo resto.

Mas é apropriado dizer que eu penso que o livro não tem nada a ver com a progressista civilização da Europa e da América.

E enquanto seu espírito é possível somente em seus arredores, eles têm objetivos diferentes.

[...] É uma grande tentação explicitar o espírito”⁶⁸ (Wittgenstein, 1984, p. 7 e 8).

Ainda em 1930, Wittgenstein recebeu uma bolsa de cinco anos do Trinity College. Porém, eram conhecidos os conselhos que dava a seus amigos e alunos para que abandonassem a vida acadêmica. Sua convicção era a de que a atmosfera das universidades era rarefeita demais para sustentar uma vida verdadeira. Particularmente, com um dos seus alunos, Drury, comentou que as pessoas deviam procurar um ambiente mais salutar e que seu ideal era algum trabalho ligado à medicina. Wittgenstein influenciou o próprio Drury, empenhando-se pessoalmente para ajudá-lo na carreira de médico. Ele mesmo pensou seriamente em tornar-se médico e, assim, escapar da esterilidade da filosofia acadêmica. Mas a verdade é que dedicava quase toda a sua energia a preparar uma exposição de suas novas idéias pois, apesar desse desprezo pela profissão, mantinha um olhar atento e zeloso ao uso que os filósofos acadêmicos faziam de suas novas reflexões.

Wittgenstein tinha um método particularmente trabalhoso para compor sua obra: começava fazendo anotações em pequenos cadernos. Mais tarde, fazia uma seleção, desenvolvendo por extenso as que considerava as melhores, preenchendo grandes volumes manuscritos. Partindo desse material, fazia uma nova seleção, a qual ditava para um datilógrafo. A cópia era revista e sofria novos cortes e reelaborações, o que fazia com que o processo começasse de novo. Essa sistemática, que durou mais de vinte anos, nunca chegou a um resultado

⁶⁸The danger in a long foreword is that the spirit of a book has to be evident in the book itself and cannot be described. For if a book has been written for just a few readers that will be clear just from the fact that only a few people understand it. The book must automatically separate those who understand it from those who do not.

Telling someone something he does not understand is pointless, even if you add that he will not be able to understand it. (That so often happens with someone you love.)

If you have a room which you do not want certain people to get into, put a lock on it for which they do not have the key. But there is no point in talking to them about it, unless of course you want them to admire the room from outside!

The honourable thing to do is to put a lock on the door which will be noticed only by those who can open it, not by the rest.

But it's proper to say that I think the book has nothing to do with the progressive civilization of Europe and America.

And that while its spirit may be possible only in the surroundings of this civilization, they have different objectives.

[...] It is a great temptation to try to make the spirit explicit.

satisfatório para Wittgenstein. Assim, seus testamenteiros literários ficaram com a difícil tarefa de publicar, ou a versão considerada por eles como a melhor, entre vários textos manuscritos ou datilografados, como foi o caso das *Observações filosóficas*, *Investigações filosóficas* e *Observações sobre a filosofia da psicologia* ou uma seleção desses manuscritos feita por eles mesmos, como em *Gramática filosófica*, *Observações sobre os fundamentos da matemática*, *Cultura e valor* e *Zettel* (Escritos). Todas essas obras são reconhecidas como sendo da segunda fase do pensamento de Wittgenstein, embora nenhuma delas possa ser considerada como acabada e definitiva.

No ano de 1934, Wittgenstein iniciou dois cursos: um tinha como título “Filosofia” e o outro “Filosofia para matemáticos”. Como o segundo teve grande procura, o filósofo o interrompeu e propôs que as aulas fossem dadas para um pequeno grupo que, depois, distribuiria a cópia a todos. Tal cópia foi encadernada com uma capa azul, por isso, desde aí, o resultado dessas aulas ficou conhecido como *O livro azul*. Com esse livro, ele introduz a noção de *jogo de linguagem* no discurso filosófico, o que provocou muito interesse, pois já trazia o novo método de filosofia que propunha, tendo, assim, uma divulgação muito maior do que o que podia prever o próprio filósofo. No ano seguinte, ditou, também, o que hoje é conhecido como *O livro marrom* e, com ele, Wittgenstein tentou formular para si mesmo os resultados do seu trabalho.

A intenção de viver na Rússia

Segundo Monk, Wittgenstein tinha o hábito de seguir a inspiração do momento, tanto em seu trabalho como em sua vida pessoal. Assim, apesar de estar envolvido com a organização de dois livros para publicação, pensou em abandonar a filosofia acadêmica e morar na Rússia, onde ganharia a vida como trabalhador braçal. Chegou a ter aulas de russo como preparação para a viagem e, para a sua professora, ficou a impressão de que seu interesse pela Rússia estava mais voltado para o ensinamentos morais de Tolstoi e o discernimento espiritual de Dostoiévski que por qualquer questão social ou política. De fato, é possível pensar que o seu interesse estivesse voltado para o que imaginava que poderia ser a sua maneira de viver na Rússia: em conversas, Wittgenstein dizia que se alguém dissesse que vivia uma vida religiosa, a confirmação não se daria pelo fato dessa

pessoa falar muito de religião mas, sim, porque essa pessoa viveria de forma diferente. Quando Wittgenstein começou a descartar qualquer possibilidade de construir uma teoria filosófica, essa idéia indica o tema central de sua obra posterior. O próprio filósofo comenta que a frase de Goethe em *Fausto*, “No princípio havia o ato”, poderia servir de lema para a sua filosofia.

Por outro lado, havia a Rússia real a ser conhecida e, sobre essa, tinha informações de vários amigos marxistas em quem confiava. A alguns conhecidos, deu a impressão de ser um conservador por sua hostilidade ao marxismo. Outros, porém, atestam que sua crescente consciência política se mostrava pelo modo que se mantinha informado sobre os acontecimentos. Pelos depoimentos registrados no livro de Monk, podemos ver que Wittgenstein se opunha ao marxismo em teoria, porém o apoiava na prática e, a um de seus amigos, se declarou comunista *de coração*.

De qualquer modo, a idéia de desistir do trabalho filosófico foi crescendo à medida que avançavam os preparativos para a viagem à Rússia. Num encontro com um colega no Trinity College, falou sobre sua filosofia e expressou suas dúvidas quanto ao seu valor, cogitando, inclusive, a possibilidade de destruir seus cadernos de anotações. Depois dos apelos insistentes do seu interlocutor, concordou em consigná-los à biblioteca da faculdade.

Mais uma vez, Wittgenstein contou com a ajuda de Keynes que, além de conseguir uma entrevista com o embaixador russo em Londres, orientou-o sobre a forma de se comportar diante dele. A verdade é que a entrevista não foi promissora, bem como as outras tentativas feitas por ele. O filósofo chegou a partir para Leningrado, com algumas cartas de apresentação e endereços de pessoas que lá moravam, na tentativa de obter uma oferta de trabalho, porém, tudo que conseguiu foi uma proposta para ensinar filosofia em duas universidades. Desse modo, só confirmou o que lhe haviam dito antes da viagem: na Rússia, como não havia escassez de mão de obra não especializada, seria bem-vindo como professor e não como trabalhador braçal, como era a sua intenção. Segundo Monk, ao voltar para a Inglaterra, ainda por dois anos Wittgenstein considerou a idéia de aceitar o cargo de professor que lhe fora oferecido.

No último ano de sua bolsa, o filósofo continuava procurando uma alternativa para o seu desejo de não continuar lecionando em Cambridge, porém, ao longo do ano dedicou-se a preparar um livro. Com a expiração de sua bolsa,

teve a oportunidade de discutir com seus alunos prediletos as possibilidades que tinha à frente. Um deles, Rush Rhees, tornou-se bem próximo de Wittgenstein e assim permaneceu até o fim.

O retorno à Noruega

Enfim, Wittgenstein decidiu ir para a Noruega, como no passado, à procura de um lugar que, sem distrações, pudesse concluir o seu trabalho. Pelo tempo em que lá ficou, por um ano e alguns meses, dedicou-se a si mesmo e à filosofia. Alternou períodos mais ou menos produtivos, lutou com o medo de uma depressão mas, em sua correspondência, reconhecia o lugar como o ideal para trabalhar. Ao mesmo tempo em que partia do *Livro marrom* para elaborar a versão definitiva do seu livro⁶⁹, Wittgenstein mostrava, com o seu método filosófico, que o seu leitor, para conhecê-lo, precisaria não só de inteligência, mas, também, de *envolvimento*. Para Monk, se a leitura se desse no espírito de entender o que Wittgenstein está dizendo ela não resistiria, pois o filósofo não está, propriamente, dizendo nada. Ele apresenta uma técnica para desenredar confusões no uso da linguagem e, a menos que estas fossem reconhecidas como *nossas* confusões, o livro teria muito pouco interesse para nós.

Além disso, para Wittgenstein, *toda* filosofia, ao ser praticada com honestidade e decência, começa com uma confissão.⁷⁰ O filósofo, muitas vezes, comentou que a tarefa de escrever bem ou bem pensar sobre os problemas filosóficos era mais uma questão ligada à vontade do que ao intelecto. A vontade precisava entrar em ação para resistir à tentação de interpretar mal, de resistir à superficialidade. Muitas vezes, a compreensão genuína era prejudicada, mais do que pela inteligência, pelo orgulho. Assim, o edifício do orgulho precisava ser derrubado e essa era uma tarefa muito dura. Para Wittgenstein, demolir o orgulho era necessário não só para se tornar uma pessoa decente, mas, também, para fazer filosofia decentemente. Isso exigiria uma volta para si mesmo que, ainda que

⁶⁹Segundo Monk (1995), essa tornou-se a versão definitiva da parte inicial do livro e representa os parágrafos de 1 a 188 do texto publicado de *Investigações filosóficas*. Essa foi a única parte da obra posterior de Wittgenstein que o deixou satisfeito, sem nunca ter tentado revisá-la ou reorganizá-la de outra maneira.

⁷⁰Monk vincula essa questão à escolha de Wittgenstein por uma citação de Sto. Agostinho, em *Confissões*, na abertura do livro *Investigações filosóficas*.

fosse dolorosa, não deveria ser evitada, a não ser que a pessoa não se importasse com a superficialidade de tudo que conseguisse escrever:

“Mentir sobre si mesmo para si mesmo, iludir-se acerca de qual é a pretensão da sua vontade, deve exercer uma influência nociva sobre o seu estilo; pois disso deriva a impossibilidade de distinguir entre o que é genuíno no estilo e o que é falso.[...]”

Se eu representar para mim mesmo, é isso que o estilo haverá de expressar. Mas então o estilo não poderá ser meu próprio. Se você não estiver disposto a conhecer o que é, aquilo que escrever será uma forma de engano.” (Wittgenstein, segundo Monk, 1995, págs. 329 e 330)

Ao enfrentar essas complexas questões, Wittgenstein mostra até onde vai o seu compromisso com a filosofia e, pelo que vemos, procurou, com muito empenho, que a “sua verdade”, coerentemente, se traduzisse em suas palavras/ações, enfim, em sua maneira de viver. Assim, por esse tempo, o filósofo além de trabalhar na preparação do seu livro, também prepara uma confissão na qual descreve alguns momentos de sua vida em que havia se sentido fraco ou desonesto. Fiel à idéia de “derrubar o edifício do orgulho”, procurou alguns amigos, com os quais se encontrou para fazer confissões de fatos ligados a sua vida que o afligiam. O livro de Monk registra que o maior fardo, para Wittgenstein, foi o seu comportamento em Otterthal na função de professor primário. Para eximir-se do seu erro, ele viajou da Noruega para lá, a fim de pedir desculpas às crianças, anos mais tarde: Monk comenta que o objetivo de Wittgenstein não era o de se punir ou ferir o seu orgulho e, sim, demoli-lo, superar uma barreira, ao escolher o caminho honesto de se desculpar com as crianças, já que sentia que as tinha prejudicado.

A volta à Áustria

Quando Wittgenstein voltou à Áustria no final de 1937, era iminente a incorporação desse país à Alemanha. Passou um Natal tranquilo com a família, porque, embora a crise política fosse visível, as pessoas pareciam não perceber sua gravidade. Viena possuía uma grande população judaica e, mesmo esta, com raras exceções, não conseguia acreditar nas possíveis conseqüências da próxima

dissolução da Áustria⁷¹. Segundo Monk, por essa época, os diários de Wittgenstein não registram nenhum comentário político porém, ainda assim, é difícil acreditar que ele estivesse tão alheio acerca da situação. No tempo em que passou na Noruega, recebia apenas um jornal da Inglaterra mas, quando lá estivera no último ano, por duas vezes contou com o benefício das análises políticas de Sraffa.

Por um tempo em que se mostra sem rumo, sem desejo de voltar para Cambridge, nem coragem para enfrentar a solidão na Noruega, acabou escolhendo ir para Dublin, onde estava Drury, seu amigo e antigo aluno que, àquela altura cursava o último ano de medicina, especializando-se em psiquiatria. Como já foi visto, Wittgenstein tinha influenciado a escolha profissional de Drury e, quando este a põe em dúvida, a partir da sua experiência recente como residente em um hospital, o antigo professor logo se encarrega de acabar com ela. Na verdade, Drury se mostrava preocupado com sua falta de jeito e é muito interessante o conteúdo de uma carta de Wittgenstein para ele, aconselhando-o, pois, ao expressar sua opinião, mostra muita sensibilidade, principalmente, se pensarmos nas muitas dificuldades que encontrou nos seus relacionamentos pessoais: nela, ele expressa a opinião de que a observação tão próxima do sofrimento físico e mental das pessoas, poderia ser um bom remédio para as próprias aflições mas, ao mesmo tempo, aconselha-o a descansar para se recuperar. Wittgenstein orientou Drury para que ele “atentasse” para os seus pacientes, como seres humanos em dificuldades, bem como para sua própria oportunidade de entrar em contato com essas pessoas. Isso, por si só, seria uma dádiva que causaria inveja a muitos e, talvez, pudesse recompensar o seu desgaste. Wittgenstein termina, desejando a Drury bons pensamentos e, sobretudo, bons sentimentos.

Nesse período em que escreveu pouquíssimo sobre filosofia, ele mesmo pensou em se tornar psiquiatra. Pediu ajuda a Drury para conseguir uma autorização para visitar, em um hospital, pessoas que sofressem doenças mentais graves, explicando-lhe que seu interesse era grande em relação a isso. Depois da visita, Wittgenstein escreveu: “Veja o homem são no maníaco! (e o homem louco em si mesmo)” (Wittgenstein, segundo Monk, 1995, p. 348).

⁷¹Pensava-se, por exemplo, que as leis que caçavam os direitos civis dos judeus (leis de Nuremberg), tendo sido promulgadas desde 1935, não poderiam ser impostas na Áustria.

Depois que a anexação da Áustria virou um fato, Wittgenstein, em meio a muitos conflitos e apoiado pelas análises de Sraffa em termos opções quanto ao que deveria fazer, decide voltar para Cambridge. Lá, depois de obter um cargo acadêmico, solicitaria a cidadania britânica, o que acabou acontecendo com a ajuda de Keynes, mais uma vez. Enquanto esperava a regularização de sua situação, preocupava-se tremendamente com a situação de sua família, que depois de muitas manobras para evitar a prova de sua ascendência judaica, conseguiu permanecer na Alemanha.

Para Monk, a volta de Wittgenstein para Cambridge foi relutante e, certamente, precipitada pelos acontecimentos políticos.

De volta a Cambridge

De volta à sala de aula, Wittgenstein não anunciou seu curso pelo modo habitual para mantê-lo do tamanho que considerava adequado. Assim, não mais que dez alunos, convidados por alguns professores, a pedido de Wittgenstein, compunham o grupo e Rush Rhees estava entre eles. Monk registra a presença de Drury, em uma das aulas durante as suas férias, na qual Wittgenstein pediu a um dos alunos que parasse de tomar notas. Na verdade, pensava que era inconveniente a possível publicação das observações espontâneas que fazia, sem muita reflexão e cuidado na expressão, como se fossem opiniões ponderadas. Seu pedido, contudo, foi ignorado e estas notas se transformaram, mais tarde, no livro *Lectures and conversations on aesthetics, psychology and religious belief*. Monk comenta que o que distingue essas aulas, dentre outras, é o tom: precisamente por estar falando de maneira improvisada e espontânea, Wittgenstein oferece uma clara exposição de sua intenção em filosofia e de como isso se relaciona com a sua visão de mundo pessoal.

No final de 1938, preparou o trabalho que tinha produzido na Noruega para candidatar-se à posição de *professor of philosophy* apesar de, segundo Monk, estar convencido de que não conseguiria a nomeação. Ao ser nomeado, comenta, em uma correspondência, o quão lisonjeiro era o cargo mas que, talvez, para ele, fosse melhor arranjar um emprego “abrindo e fechando cancelas” já que, apesar de não dar nenhuma importância ao cargo, sua vaidade e estupidez, às vezes,

davam. Seja como for, a nomeação foi muito importante para a obtenção da cidadania britânica, o que aconteceu em junho de 1939⁷².

Durante os dois primeiros anos da guerra, que teve início em setembro de 1939, Wittgenstein, em suas conversas, mostrava muita frustração com seu trabalho de professor de filosofia. Gostaria de estar trabalhando fora da vida acadêmica e, principalmente, poder colaborar no esforço da guerra. Por meio de um contato com um professor de física de Cambridge, John Ryle, conseguiu a função de servente do dispensário do Guy's Hospital⁷³.

A colaboração de Wittgenstein no serviço de guerra

Wittgenstein teve a preocupação de pedir a seu novo amigo que não comentasse com ninguém a sua mudança de emprego, pois não queria ser reconhecido.

Seu trabalho consistia em levar remédios do dispensário para as enfermarias, onde, segundo um testemunho, aconselhava os pacientes a não tomá-los. Anos mais tarde, quando perguntaram ao seu superior na farmácia se se lembrava de Wittgenstein, este respondeu que lembrava-se bem, contando que, depois de três semanas de trabalho, ele já estava querendo dar explicação quanto ao modo de dirigir a seção: para o Sr. Izzard, via-se que Wittgenstein era um homem acostumado a pensar (!). Pouco tempo depois, o filósofo assumiu a função de técnico farmacêutico no laboratório de produção e tinha como uma das suas obrigações, preparar unguento de Lassar para o departamento de dermatologia. Segundo Monk, quando Drury foi visitá-lo ficou sabendo por um funcionário que ninguém tinha feito tal medicamento com tamanha qualidade.

Os interesses de Wittgenstein se voltaram para a filosofia da matemática durante quase todo período da segunda Guerra e a maior parte do que escreveu, por esse tempo, foi uma tentativa de aperfeiçoar o trabalho feito na Noruega. Enquanto trabalhava no Guy's Hospital, ele completou três cadernos com anotações sobre matemática que, junto com mais um manuscrito elaborado a

⁷²Segundo Monk, em 1939 Wittgenstein já era conhecido como o mais ilustre gênio filosófico de seu tempo.

⁷³O próprio John Ryle já estava trabalhando neste hospital e pede para Wittgenstein encontrá-lo lá. Numa carta à sua esposa, conta da sua admiração ao conhecer um dos maiores filósofos do mundo e de como ele se queixara da estagnação no Trinity College.

partir deles, foram publicados e compõem uma parte de *Observações sobre os fundamentos da matemática*. O próprio filósofo considerava o trabalho que realizou em matemática sua maior contribuição para a filosofia, no entanto, também sabia que, tanto com a matemática, como com a perspectiva filosófica como um todo, estava lutando contra certezas muito arraigadas. Como chegou a escrever, não considerava provável que algum cientista ou matemático fosse seriamente influenciado em sua maneira de trabalhar depois de conhecer sua abordagem. E, nela, justamente, fica bem aparente o quanto sua perspectiva filosófica difere do ponto de vista da filosofia profissional do século XX. Pois Wittgenstein, em sua crítica, não toma como alvo determinada concepção matemática, sustentada por este ou aquele filósofo, e, sim, a maneira como esta disciplina é quase universalmente concebida pelos matemáticos profissionais que se pautam por uma visão dominante em nossa cultura, qual seja, a concepção da matemática como uma ciência. Assim, Wittgenstein tenta abalar a idéia de que a matemática precisa de fundamentos, enquanto que todos os ramos da matemática foram inspirados por essa busca.

Ao apresentar a lógica e a matemática como duas técnicas diferentes, o filósofo discrimina os métodos de demonstração de cada uma delas. Enquanto em lógica, uma prova consiste em uma série de proposições que visam estabelecer a veracidade de uma conclusão, Wittgenstein quer mostrar que uma prova matemática consiste em uma série de figuras, ou imagens, que visam estabelecer a utilidade de uma técnica. Assim, a sua concepção, ao desmistificar a matemática e apresentá-la como um modelo, faz com que examine outros modelos de forma análoga. Para Monk, talvez isso possa explicar a mudança de interesse de Wittgenstein da matemática para a psicologia, na medida em que os “modelos” freudianos, por exemplo, tenham atraído mais sua atenção do que as “figuras” dos matemáticos.

No verão de 1942, depois de fazer uma operação na vesícula, Wittgenstein foi para Swansea, no litoral sul do País de Gales, onde estava Rhees. Monk comenta que Rhees era, na época, uma das pouquíssimas pessoas vivas que Wittgenstein valorizava como interlocutor para discutir sobre filosofia. Por esse tempo, enquanto faziam as longas caminhadas que o filósofo adorava, o tema central das conversas dos dois tratava da natureza das explicações freudianas em

psicologia e Wittgenstein, nessa época, chegou a descrever-se para Rhees como um “discípulo”⁷⁴ ou “seguidor” de Freud.

Ao que parece, Wittgenstein procurou na psicanálise uma possível chave de leitura, ou um modelo para o entendimento de sua própria vida, na qual não parecia haver espaço para a felicidade. Sua ameaça maior era medo de um completo isolamento, pois reconhecia em si mesmo um sentimento de grande solidão. Assim, enquanto ainda estava no Guy’s Hospital, procurava estar sempre ocupado para não sucumbir à tristeza.

Lá, Wittgenstein travou conhecimento com Reeve, um jovem médico que, por sua vez, integrava a equipe de um certo Dr. Grant na Unidade de pesquisas clínicas do Medical Research Council. Ambos começaram a estudar o grande número de vítimas dos ataques aéreos que eram internados no hospital e tinham, como objetivo, tentar conhecer melhor as condições do “choque traumático”, observável não só em vítimas de guerra, mas em qualquer outra circunstância em que acontecessem lesões traumáticas graves.

A questão problemática decorria do fato de que, embora houvesse estudos detalhados na literatura médica, não havia um critério único para se definir clinicamente o “choque traumático”. Assim, alguns autores o identificavam com base na presença de concentrações excessivas de glóbulos vermelhos, como consequência do escoamento do plasma sanguíneo para os tecidos, enquanto outros, o identificavam como uma síndrome de baixa pressão sanguínea, palidez e pulsação acelerada. Em função disso, o Dr. Grant recomendou que o próprio conceito de “choque traumático” fosse abandonado e que se fizessem observações minuciosas das vítimas sem que o termo fosse utilizado. Em um memorando, ele explicita as razões de sua orientação, dizendo que, apesar de todo trabalho realizado, pouco se sabia acerca da natureza e tratamento do choque traumático ou

⁷⁴Wittgenstein considerava Freud como um autor que merecia ser lido por ter tido “algo a dizer”. Ele o admirava por suas observações e sugestões, porém pensava que para se ficar com alguma coisa dele era preciso manter uma atitude bastante crítica. Em outras palavras, embora as questões levantadas pela psicanálise fossem novas e muito relevantes, mereciam um outro tratamento. O tema de fundo das conversas era até que ponto o trabalho de Freud pode nos ajudar a interpretar os sonhos. Wittgenstein enfatizava a necessidade de uma explicação e não uma interpretação. Para ele, o interessante no trabalho de Freud era, justamente, a inexistência de tratamento científico à questão. Assim, por exemplo, no sonho, o intrigante não seria sua causalidade, e, sim, sua significação. Na verdade, Wittgenstein se refere à psicanálise como mitologia por oposição ao seu suposto caráter científico. Não que isso fosse, de saída, um mal, pois, para ele, o caráter mitológico da psicanálise se mostraria mais na sua capacidade de sedução, de provocar adesões, do que no caráter primitivo de uma “explicação” fora dos moldes da ciência.

ferimento, pois, como na prática havia uma ampla variação na aplicação do diagnóstico de “choque”, não sabiam prever o diagnóstico e, muitas vezes, havia dúvidas quanto ao tratamento a ser prescrito. Além do mais, como não havia uma base comum do diagnóstico, era impossível avaliar a eficácia dos métodos de tratamento utilizados. Ou seja, o Dr. Grant concluía, apontando a inoperância do diagnóstico de “choque” e propunha sua substituição por um registro preciso e completo do estado e evolução do paciente ao longo do tratamento. Foi esse, justamente, o motivo que despertou o interesse de Wittgenstein pela abordagem da questão feita pelo Dr. Grant. Para Monk, o modo do médico lidar com o problema, encontra paralelo na abordagem de Hertz, ao considerar o problema da “força” em física: ele propunha que, ao invés de se dar uma resposta direta à pergunta “o que é força” o problema devia ser enfrentado, deixando-se de lado a necessidade de usar “força” como um conceito básico, o que reformularia a física newtoniana. Segundo Monk, durante toda sua vida, Wittgenstein considerou a idéia de Hertz um modelo perfeito de como dissipar a confusão filosófica, no sentido de que “perguntas improcedentes” param de ser feitas, o que ele considera como meta de sua própria filosofia. É o que pode ser visto, também, na proposta do Dr. Grant que, ao evitar o diagnóstico de “choque”, tem como objetivo a remoção de certas inquietudes que atrapalham a clareza quanto ao foco do que devia ser investigado.

A proposta do dr. Grant foi rechaçada, principalmente pelo exército que criticou, no memorando, o ataque à palavra “choque”. Quando Wittgenstein teve oportunidade de discutir o projeto, percebeu que o problema das teorias formuladas durante a Primeira Guerra não era, principalmente, a falta de detalhamento, mas o fato de se referir a um conceito inútil. Assim, o ataque à palavra “choque” era o que mais interessava ao filósofo, que chegou a sugerir que na redação de um relatório anual, ela fosse impressa de cabeça para baixo para enfatizar sua imprestabilidade.

Wittgenstein foi, então, apresentado ao Dr. Grant, que ficou logo impressionado com a perspicácia e relevância das muitas perguntas que ele fez. Quando a equipe foi transferida para Newcastle, local que recebia um grande número de vítimas de acidentes industriais e rodoviários, Wittgenstein, ao comentar que gostaria de ir junto, recebeu o convite do médico para integrar a equipe.

Em Newcastle, Wittgenstein não escreveu nada de filosofia e, para descansar do trabalho intenso, ia ao cinema todas as noites. Ele não se restringia a cumprir as suas obrigações como técnico pois, como já se viu, tinha um grande e ativo interesse pela parte intelectual subjacente à pesquisa. O Dr. Grant e Reeve aproveitavam para discutir suas idéias com o filósofo que, no entanto, sempre desencorajou as perguntas de Reeve sobre filosofia, enaltecendo a importância do seu trabalho como médico. O mais importante, no entanto, é que Wittgenstein exerceu uma influência filosófica, ao transmitir uma maneira de pensar e de compreender que, apesar de não estar categorizada teoricamente, mostrava-se no uso específico de, nesse caso, esclarecer as idéias de cada um sobre “choque”. Segundo Monk, quase quarenta anos mais tarde, Reeve reconheceu que seu modo de pensar foi influenciado por Wittgenstein em dois importantes aspectos: no primeiro, acatando a idéia de que as coisas são como são e, no segundo, fazendo comparações esclarecedoras para entender como elas são. Essas duas idéias são referenciais na filosofia madura de Wittgenstein.

Tanto o Dr. Grant como Reeve se referem, explicitamente, à influência que Wittgenstein exerceu na elaboração das idéias que constaram do relatório final da equipe que, bem significativamente, não continha a palavra “choque” no título principal: *Observações sobre os efeitos gerais de ferimentos no homem*. Monk relata o desfecho, comentando que ele teve o efeito que Wittgenstein gostaria que sua obra filosófica tivesse, ou seja, que ela pusesse um fim a muitas linhas equivocadas de pesquisa. É importante perceber que, por parte dos médicos, o primordial, não era um ataque ao uso da palavra “choque” no diagnóstico dos efeitos de ferimentos graves. A intenção principal era a descoberta de outros diagnósticos e tratamentos mais eficientes do que os que vinham sendo usados e eram oriundos das pesquisas realizadas durante a Primeira Guerra. Quanto a isso, o uso da palavra “choque” não só não tinha valor no estudo dos ferimentos, como chegava a ser uma fonte de mal entendido, na medida em que fortes dúvidas surgiram quanto à validade de se considerar o “choque” como uma única entidade clínica e patológica. Outro ponto muito interessante é que Wittgenstein tinha como função, no aspecto prático dessa pesquisa, a secção de pedaços congelados de tecidos e o seu tingimento para a detecção da presença de gordura. Além disso, o Dr. Grant pediu a sua ajuda nas pesquisas que procuravam detectar o enfraquecimento da pulsação, a cada respiração, que costuma acontecer em

pacientes gravemente feridos. Para isso, Wittgenstein chegou a introduzir uma inovação tecnológica, ao inventar um aparelho mais preciso para medir a pulsação.

Essa participação de Wittgenstein, ao integrar a equipe médica, foi muito interessante porque mostra, entre outras coisas, que uma função prática não deve desconsiderar a prática da reflexão, sob pena de se enveredar por rumos equivocados. Ela também mostra com maior clareza, o quanto Wittgenstein se preocupou com o entendimento que as pessoas podiam ter em relação ao que ele queria com a sua filosofia. Muitas vezes, mostrou seu desânimo e se julgou incompreendido, por achar que as pessoas pensavam em se apropriar de um modelo e ele, na verdade, almejava que ela fosse um convite ao pensamento singular de cada um, manifestando-se em qualquer área de interesse ou de atuação, livre dos padrões usualmente estabelecidos que, a seu ver, acabam por limitar sua capacidade. Wittgenstein pensava que era preciso coragem para enfrentar a sensação de imprestabilidade, ao sentirmos as nossas idéias mais caras serem abaladas, porém não devíamos de deixar de fazer o esforço: “Pensar é às vezes fácil, freqüentemente difícil, mas ao mesmo tempo apaixonante” (Wittgenstein, segundo Monk, 1995, p. 420).

A volta relutante de Wittgenstein a Cambridge

Wittgenstein voltou a Cambridge no começo de 1944, tendo recebido da Cambridge University Press uma resposta positiva à sua sugestão de publicarem o seu novo livro, as *Investigações filosóficas*, junto com o antigo, o *Tractatus*. Este plano, no entanto, tanto quanto o outro, anteriormente aceito pela editora em 1938, nunca se concretizou.

O filósofo voltou a conseguir uma licença para trabalhar no livro e escolheu ir para Swansea, onde podia discutir diariamente com Rhees. Durante esse tempo, além de trabalhar com filosofia, pensava em retornar ao serviço de guerra mais uma vez. No entanto, em outubro de 1944, voltou para Cambridge, contrariado, por não ter concluído o livro e por ter que retomar suas responsabilidades como professor.

Por esse tempo, os interesses de Wittgenstein mudaram com muita rapidez e intensidade. Segundo Monk, já desde 1930, em aulas, apontamentos e

conversas, o filósofo costumava ir da filosofia da matemática para a filosofia da psicologia e voltar, aproveitando os problemas de uma área como analogias para ilustrar pontos da outra. Porém, em 1944, o significativo da mudança é que ela foi permanente: Wittgenstein nunca mais tentou organizar suas observações acerca da matemática de forma publicável, embora tenha passado o resto de sua vida formulando, reorganizando e revisando suas idéias acerca da filosofia da psicologia. Em suas aulas, abordava os problemas de filosofia da psicologia, partindo de autores como William James, Köller e outros, sempre com o objetivo de mostrar, por meio do que diziam, as confusões conceituais que ele estava dedicado a combater.

De tempos em tempos, o filósofo dava notícias de seu livro a seus amigos e, muitas vezes, este pareceu muito perto da publicação, mas, como consta de seu prefácio, Wittgenstein o entregaria para o público “com sentimentos duvidosos” e, ao que parece, tais sentimentos venceram a sua intenção de publicar. Na verdade, ele tinha a quase convicção de que o livro seria mal interpretado, principalmente, pelos filósofos acadêmicos.

É importante dizer que o filósofo manteve-se hostil à filosofia profissional e sua aversão a Cambridge foi constante durante toda a sua carreira acadêmica. Nos anos que se seguiram à Segunda Guerra, tais sentimentos se juntaram a uma visão pessimista que apontava para o fim da humanidade: o desgosto de Wittgenstein com a filosofia profissional se equiparava ao seu o horror pelo poder da ciência que, ao produzir, por exemplo, as armas atômicas, punham em risco o futuro da humanidade. Para o filósofo, que acompanhou as cenas de selvageria e barbárie durante as últimas etapas da Segunda Guerra, a realidade era repugnante, como costumava dizer aos amigos, além de manifestar o desejo de deixar a Inglaterra e ficar sozinho em algum lugar como uma vez tinha acontecido na Noruega.

Politicamente, Wittgenstein se via voltado cada vez mais para a esquerda, porém sempre se manteve longe do marxismo por identificar sua veneração à ciência como um dos maiores males. Segundo Monk, o filósofo nutria, como os comunistas, uma profunda antipatia pelo establishment britânico, mas não concordava com a opinião de que o marxismo precisaria se tornar mais científico para ajudar a promover a revolução: para Wittgenstein, nada era mais conservador do que a ciência.

Quando Rhees comentou com Wittgenstein sobre sua intenção de entrar para o Partido Comunista Revolucionário, este compreendeu suas razões, mas tentou demovê-lo da idéia porque, para ele, sua lealdade às idéias do partido seria incompatível com as suas obrigações como filósofo. Para Wittgenstein, a atividade filosófica exigia que o pensador estivesse sempre pronto a mudar de direção. Nesse sentido, o raciocínio do filósofo deveria tratar as idéias do comunismo como quaisquer outras.

O fato de Wittgenstein ter participado do cenário sombrio das duas grandes guerras, bem como a qualidade de sua filosofia, o fazia desconfiar profundamente do progresso científico: para ele, a solução para os tipos de problemas que se apresentavam implicava uma mudança no modo de vida das pessoas, ou seja, uma solução existencial, ao invés de teórica. Talvez aí esteja bem clara a singularidade da filosofia de Wittgenstein que, embora tivesse um compromisso inequívoco com a construção intelectual, não concebia nenhuma incompatibilidade entre esta e o seu compromisso ético com os valores nos quais acreditava. Nesse sentido, a segunda fase de seu pensamento pode ser entendida como uma aproximação maior da reflexão intelectual em relação à coerência de ações práticas na vida. Assim, quando Wittgenstein abandona a idéia de investigar a lógica formal e passa a investigar a lógica contida na linguagem ordinária, nos dá uma pista do que, para ele, verdadeiramente, importava e precisava ser esmiuçado.

O filósofo dizia que a sabedoria era cinzenta, ao contrário da vida e da religião, que eram cheias de cor. Nesse sentido, para Wittgenstein, já não bastava pensar corretamente, era preciso agir com correção em meio a complexidade da vida. Talvez fosse, justamente, a singular compreensão de Wittgenstein que o punha diante da quase certeza de que seria entendido por poucos. O próprio Russell não conseguia ver mérito algum na filosofia madura do seu antigo aluno e chega a avaliar que Wittgenstein, de devotado, impetuoso e intenso pensador, que enfrentava problemas reconhecidamente difíceis, parecia ter se cansado de pensar com seriedade e inventado uma teoria que tornaria essa atividade desnecessária. O próprio Wittgenstein parecia muito consciente da dificuldade de se fazer entender com a sua filosofia e, na verdade, achava que o seu modo de pensar encontraria poucos interlocutores naqueles tempos. Porém, como filósofo, ele se via na condição inescapável de buscar o mais claro entendimento possível, ainda que

para isso tivesse que, voluntariamente, abandonar os mais caros conceitos que um dia formulou:

“Trabalhar em filosofia — como o trabalho em arquitetura em muitos aspectos — é, na verdade, como trabalhar-se a si mesmo. Em sua própria interpretação. Em sua maneira de ver as coisas. (E no que você espera delas.)” (Wittgenstein, [1931], 1984, p.16).⁷⁵

“Um filósofo facilmente fica na posição de um gerente incompetente que, em vez de fazer o seu *próprio* trabalho e prestar atenção para se certificar de que os seus empregados estão trabalhando adequadamente, assume o trabalho deles até o dia em que se vê sobrecarregado, enquanto seus empregados o observam e o criticam” (Wittgenstein, [1931], 1984, p.16).⁷⁶

Wittgenstein se retira de sua atividade como professor e se dedica totalmente à filosofia

No final de 1947, Wittgenstein deixa de ser professor em Cambridge e entrega-se à filosofia com todo empenho, apesar de alguns períodos de instabilidade. Primeiro decide ir para Irlanda, onde manteve contato constante com Drury. Em 1949, atendendo a um convite de Malcolm⁷⁷, viaja de navio para os Estados Unidos.

Segundo Monk, a característica da reflexão de Wittgenstein, nos dois últimos anos de sua vida, são muito dirigidos para a solução de trabalhos de terceiros, ou, como ele mesmo tinha visto, anteriormente, tentam a elucidação do trabalho de outros. Para Monk, o filósofo revelava a intenção de ser útil, como se assim pudesse recompensar a hospitalidade de seus anfitriões, oferecendo-lhes o seu bem mais valioso, ou seja, o seu talento filosófico.

⁷⁵Working in philosophy — like work in architecture in many respects — is really more a working on one self. On one’s own interpretation. On one’s way of seeing things. (And what one expects of them)

⁷⁶A philosopher easily gets into the position of an incompetent manager who, instead of getting on with his *own* work and just keeping an eye on his employees to make sure they do theirs properly, takes over their work until one day he finds himself overloaded with other people’s work, while his employees look on and criticize him.

⁷⁷Malcolm fazia seu doutorado em Harvard e, em 1938, tinha chegado a Cambridge para estudar com Moore mas, ao conhecer Wittgenstein, ficou muito impressionado. Na opinião de muitas pessoas que conheceram Wittgenstein, é nas memórias de Malcolm que a personalidade do filósofo é descrita de maneira mais memorável e precisa. Wittgenstein, por sua vez, reconheceu em Malcolm a bondade, bem como uma sabedoria em relação à natureza humana. Durante sua curta permanência em Cambridge, os dois ficaram muito amigos e Malcolm, depois de voltar aos Estados Unidos, além de um correspondente querido, era quem fornecia a Wittgenstein sua revista predileta, a *Detective Story Magazine* de Street & Smith, numa época em não se conseguia obter as revistas americanas na Inglaterra.

Embora Wittgenstein tivesse algumas economias que guardara de seu salário de Cambridge, passou os dois últimos anos de sua vida na casa de amigos e discípulos. Os motivos não foram primordialmente financeiros e, sim, atendiam ao aspecto emocional, físico e, mesmo, intelectual. Wittgenstein se sentia cada vez menos capaz de viver sozinho, porém queria viver como um filósofo e sentia-se perfeitamente capaz de discutir filosofia.

Nos Estados Unidos, com Malcolm, Wittgenstein compareceu a um número enorme de seminários e colóquios, nos quais mostrava a particularidade do seu pensamento e causava grande impressão. Lá, ficou doente e chegou a ficar internado, o que muito o afligiu. A Malcolm, confidenciou o seu medo de não poder voltar para a Europa e acabar morrendo nos Estados Unidos.

Wittgenstein conseguiu voltar a Londres e tinha como plano passar algum tempo na casa de seu amigo, Von Wright, em Cambridge, antes de voltar à Irlanda. Porém, como passou mal outra vez, procurou o Dr. Bevan, indicado por Drury. Dele recebeu o diagnóstico de um câncer na próstata. Segundo Monk, Wittgenstein não ficou chocado com a notícia, surpreendendo-se com o fato de que alguma coisa poderia ser feita como tratamento contra a doença.

Depois disso, o filósofo escreveu para sua irmã Helene, consultando-a quanto à conveniência de voltar a Viena e se hospedar na casa da família. Explicou que não estava bem de saúde e chegou a mencionar o quarto em que gostaria de ficar. Lá viveu com conforto por mais ou menos um mês e, ao escrever a seus amigos, contava que estava sendo muito bem tratado. Em março de 1950, Wittgenstein voltou a Londres. De lá, ainda foi para Cambridge, para casa de Von Wright, depois para a casa de Elizabeth Anscombe, em Oxford, e chegou a voltar à Noruega por um curto período de tempo. O filósofo tinha planos de empreender outra viagens, porém sua saúde foi se deteriorando e suas idas a Cambridge se tornaram cada vez mais freqüentes para consultas com o Dr. Bevan.

Wittgenstein acabou se mudando para a casa do médico, que o convidou, pois sabia do seu horror de morrer num hospital inglês. Lá ficou de fevereiro a abril, quando veio a falecer.

Segundo Monk, ele escreveu até a véspera de perder definitivamente a consciência. Quando foi informado, pela sra. Bevan, que seus amigos ingleses estavam prestes a chegar, Wittgenstein pediu a ela que lhes dissesse que tinha tido uma vida maravilhosa.

Algumas considerações sobre o trabalho feito até aqui

Com a intenção de mostrar a experiência subjetiva como uma construção que se dá, ao longo da vida, em contextos históricos-culturais que possuem, por sua vez, características particulares, procurei caracterizar as experiências da transição do século XIX para o XX que constituíram o homem e filósofo Wittgenstein. Nesse sentido, o estudo de Allan Janik e Stephen Toulmin consegue mostrar que as características da complexidade de idéias e práticas que aquele tempo produziu, marcaram a singularidade da experiência do filósofo.

O trabalho feito até aqui me fez pensar em como conheci Wittgenstein. Desde o início, fiquei interessada pelos conceitos da segunda fase do seu pensamento, ainda que tenha tido alguma dificuldade de percebê-los na sua interdependência, algo que fui fazendo com o tempo, à medida em que a atração pela novidade de suas idéias superou os obstáculos relativos ao meu próprio entendimento. Penso que só aos poucos fui me dando conta que entender os conceitos filosóficos de Wittgenstein, produzia, no mínimo, a necessidade de rever os conceitos que guiavam a minha própria forma de pensar. Assim, esse entendimento trouxe, como conseqüência, a percepção de que o filósofo, na sua tarefa de elucidação, faz um convite a uma reflexão independente, o que, por si só, alcança o pensamento do interlocutor no seu envolvimento e na sua emoção.

Mais recentemente, conheci o primeiro Wittgenstein, assim chamado por conta da primeira fase do seu pensamento. Esse conhecimento me exigiu uma nova compreensão porque a própria reflexão filosófica de Wittgenstein, em seu desenvolvimento, sofreu uma grande mudança, de modo que o próprio filósofo passou a ser crítico dele mesmo, ao se ver fazendo parte de uma tradição de pensamento dentro da filosofia.

O primeiro Wittgenstein me apresentou a um pensador extremamente rigoroso que, ao enfrentar os impasses da lógica, buscava solucionar, de vez, os problemas epistemológicos da filosofia. Já vimos que Wittgenstein, por um tempo, acreditou que tivesse se desincumbido bem de sua tarefa, ainda que tenha considerado que os grandes temas humanos permaneciam fora da possibilidade de qualquer análise, ou seja, fora do alcance da linguagem. Para mim, a novidade foi descobrir que, ao lado de um filósofo partidário de uma racionalidade altamente seletiva e restritiva, havia também um pensador quase místico e este, para propor

a ética como um dos grandes temas humanos, trouxe para sua reflexão o campo da transcendência, o “fora do mundo”.

Bem mais recentemente, tomei conhecimento da trajetória de Wittgenstein na vida, por meio, principalmente, do livro de Monk (1995). Com esse estudo, tive a intenção de explicitar a construção subjetiva de Wittgenstein na sua singularidade, considerando-a como um processo único de entendimento, emoção e criação para contemplar o tema desse trabalho. Nesse momento, por já conhecer o alcance de sua proposta filosófica, a surpresa ficou por conta de perceber que o mesmo rigor, austeridade e intensidade com que entregou-se ao trabalho intelectual, dedicou-se à construção de si mesmo, no sentido de buscar uma autoria em relação à sua própria vida. Pode-se dizer que a postura de Wittgenstein na vida foi de eterna vigilância em relação a si mesmo, como se precisasse estar sempre preparado para responder, na vida, sobre o porquê das suas ações e decisões, mesmo que só para ele mesmo. Sob esse aspecto, o filósofo fez de sua vida uma obra e, talvez, sua própria concepção da atividade filosófica, como clarificação, tenha lhe oferecido essa possibilidade.

No próximo capítulo, a intenção é apresentar os conceitos de conhecimento, ética e estética, tendo como pano de fundo as filosofias de linguagem de Wittgenstein e Bakhtin para contemplar o tema da experiência subjetiva e a singularidade de sua construção.